

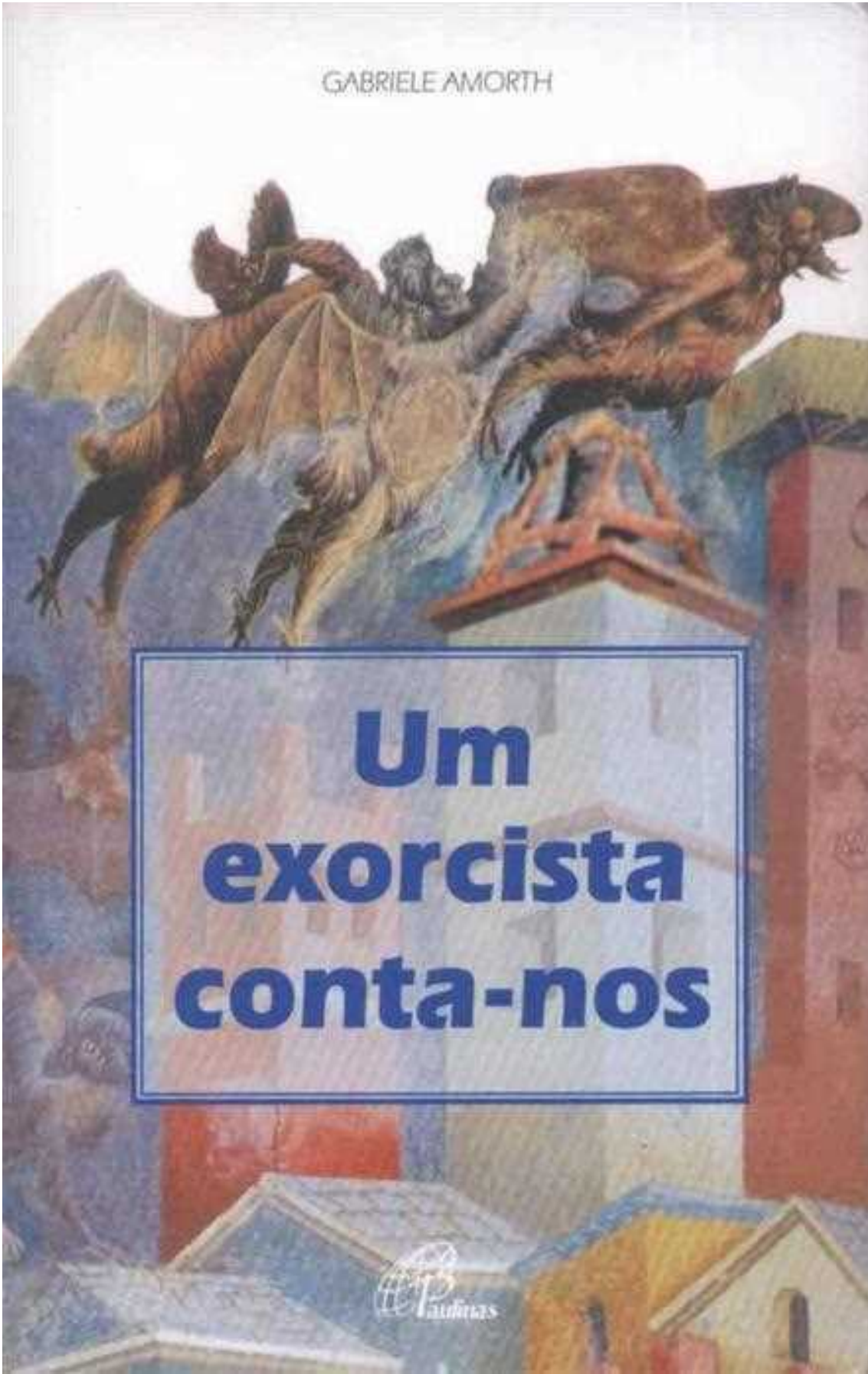


<http://www.defendeinosnocombate.blogspot.com/>

Um exorcista Conta-nos (Primeira Parte)

Decidi “Scanear” esse livro do Padre Gabriele Amorth em duas partes , é muito difícil um material como este chegar as mãos de um povo tão necessitado, estou pedindo a cada um que esteja lendo esta obra, que divulguem em e-mail, blog, redes de relacionamento para que a verdade atinja o maior numero de pessoas.

Batalha dos Santos

The background of the book cover is a painting in a style reminiscent of Hieronymus Bosch. It depicts a chaotic scene with a large, multi-headed, winged demon-like creature in the upper center, appearing to be in a struggle or falling. Below it, a figure is visible on a wooden structure, possibly a gallows or a scaffold. The lower portion of the image shows a town with various buildings, including a prominent red one on the right and several smaller houses with gabled roofs at the bottom. The overall color palette is muted, with earthy tones and some brighter colors like the red building.

GABRIELE AMORTH

Um exorcista conta-nos

Paulinas

GABRIELE AMORTH

Um exorcista conta-nos

6.ª edição



Prefácio à edição portuguesa

Nós precisamos de exorcismo (¹)

O grande papa Leão XIII entrou no século XX ainda apavorado pela visão que tivera da formidável presença diabólica em Roma, «para a perdição das almas». Desde 1886, mandara a todos os bispos rezar a oração a São Miguel Arcanjo, escrita por ele, de próprio punho, como também um exorcismo maior que recomendava a bispos e párocos recitar com frequência nas dioceses e paróquias.

«O século do homem sem Deus», anunciado por Nietzsche, transforma-se no século de Satanás, que prepara o seu reino com a 1.ª Guerra Mundial, implanta o comunismo ateu e tirânico, contra Deus e contra o homem, na revolução bolchevista de 1917, semeia a Europa inteira de ruínas e sangue com a 2.ª Guerra Mundial, fruto dos poderes das trevas; invade toda a terra de ódio, terror, impiedade, heresia, blasfémia e corrupção em guerras e revoluções sem trégua; insinua-se, de início, como fumaça, e, depois, implanta-se, poderoso, no seio da própria Igreja.

Tudo isto, Nossa Senhora confidenciara aos videntes de Fátima, exactamente no mesmo ano da tragédia russa; e o mesmo se diga do 3.º capítulo do Génesis, em que se pinta a vitória da serpente infernal e a presença de Maria, esmagando-lhe a cabeça.

A Cristandade continuou a rezar as orações de Leão XIII, estimulada pelos Papas. Pensadores cristãos como, por exemplo, Anton Böhm (Satã no Mundo Actual – Tavares Martins) e de La Bigne Villeneuve (Satan dans la Cité –

Du Cèdre) denunciavam a infiltração visível do demónio em todas as estruturas da sociedade. Bernanos surpreende-nos «sob o sol de satanás».

De súbito, ao aproximar-se o último e temeroso quartel do século XX, contesta-se a existência dos anjos, desaparece a oração de São Miguel, suspendem-se os exorcismos, inclusive do Baptismo, mergulha no silêncio o ministério e a função de exorcista.

Paulo VI queixa-se da fumaça de Satanás dentro do templo, quase a ocupar o espaço do incenso esquecido, e amargura-se com a autodemolição da Igreja. Os seminários desaparecem, a teologia prostitui-se em cátedras de iniquidade, a liturgia reduz-se, com certa frequência, a uma feira irrelevante de banalidades folclóricas. A pretexto de inculturação, a vida religiosa desliza para o abismo.

«Os poderes do inferno não prevalecerão contra a Igreja», é certo. Mas o próprio Senhor prediz o obscurecimento da fé, o esfriamento da caridade. A visão (do Inferno) de Fátima faz vacilar o optimismo ingénuo e irresponsável dos que apostam na salvação de todos, mesmo até dos que a recusam.

Bem haja a tradução portuguesa do Pe. Gabriel Amorth, Un Esorcista Racconta. Certamente acordará muitas consciências narcotizadas pela civilização da morte e da mentira. A sua experiência é notável e séria, e ajuda-nos a avaliar o estrago incomensurável causado na Igreja e no mundo, quando se deixou de levar o diabo a sério. Sei que não podemos acreditar nele – não seria o pai da mentira – mesmo quando parece dizer a verdade (Lc 4,34). Há sempre algo de sinistro atrás do que ele diz. Ele é homicida desde o princípio. Incapaz de atingir Deus com o seu furor, destrói, odiento e cínico, a imagem dele nos homens.

Jesus começa a sua missão, tentado pelo demónio e a expulsão dos maus espíritos torna-se uma das notas mais relevantes da sua actividade messiânica. «Em meu nome expulsarão os demónios» (Mc 16,17), diz Jesus, ao des-

pedir-se dos discípulos, notando que este será um sinal dos que crêem nele. E Satanás, pela acção dos Apóstolos, caiu do céu como um raio... Quando os cristãos de todos os níveis, apesar dos Evangelhos e do Magistério, principiaram a duvidar da acção e, depois, da existência do espírito rebelde, aconteceu o que Jesus havia anunciado (Mt 12,44-45): expulso, ele volta para a casa «desocupada, varrida e arrumada», mas indefesa, com sete espíritos piores do que ele, «e a condição final torna-se pior do que antes», exactamente o que está a acontecer.

Hoje, não é só a fumaça de Satanás, penetrando por uma fenda oculta, mas o diabo, de corpo inteiro, que irrompe triunfalmente pelas portas centrais. Quem o vai exconjurar das nossas igrejas, das nossas residências episcopais e paroquiais, de nossos centros comunitários, dos nossos seminários e universidades, dos Senados e das Câmaras Legislativas, dos Palácios do Governo e da Justiça, dos bancos e das bolsas, dos meios de comunicação, das escolas e hospitais, das consciências de todos nós?

E, não hesitemos: quem vai expulsar os demónios dos Palácios Pontifícios, das Congregações e Secretarias, das Nunciaturas, das Conferências Episcopais e Cúrias, dos Santuários e Basílicas, das ONUs e dos Parlamentos, sem falar desse mundo «posto maligno», que viceja «sob o sol de satã»?

Nós precisamos, urgentemente, de exorcismo! Obrigado, Pe. Amorth, pelo seu exemplo e coragem; obrigado aos inspiradores e promotores da tradução na primorosa língua de Camões.

*Dom Manoel Pestana Filho
Bispo Emérito de Anápolis – Brasil*

Senhor Dom Manoel Pestana Filho:

Filho de pais madeirenses; nascido em Santos (Brasil), em 27 de Abril de 1928; ordenado em Roma, onde estudou, em 5 de Outubro de 1952; consagrado Bispo de Anápolis (Brasil), em 18 de Fevereiro de 1979; renunciou em 6 de Setembro de 2004.

(1) NOTA DO TRADUTOR

À primeira vista este título pode deixar-nos perplexos. Será exagero?

Qual João Baptista desta época, Dom Manoel Pestana apresenta uma visão desafiadora do tema, que não se pode considerar mero pessimismo ou obscurantismo, mas puro realismo. Basta olharmos atentamente à nossa volta para verificarmos como o inimigo actua de duas maneiras:

– De forma discreta: por exemplo a banalização da morte pelos mass-media, a mentalização gradativa para que se aceite a eutanásia; as leis do divórcio e do aborto defendidas na própria ONU e divulgadas nos filmes e telenovelas em horas de grande audiência, sem esquecer «ingénuos» desenhos animados dirigidos às crianças, incentivando-as, ao ódio, à vingança, à violência, à mentira, ao egoísmo, num gosto mórbido pelo desarmonioso, para não lhe chamar horrível.

– De forma directa: por exemplo o satanismo que progride na sociedade mundial a passos largos, com todas as suas formas de expressão e simbolismo. As notícias anunciam cada vez com mais frequência estranhos assassinatos macabros, profanações de cemitérios e igrejas bem como as próprias missas negras (cf. Ap 13, 4 e ss). Na Itália o problema é de tal forma assustador que o próprio ex-Ministro do Interior, Rinaldo Coronas, alarmado pela expansão do fenómeno, pôs os governadores civis de alerta.

Se na narrativa do Génesis lemos que o demónio já seduziu enganosamente os nossos primeiros pais, se o próprio Senhor Jesus foi tentado, bem como todos os Santos, o que é que nos poderia levar a pensar que todas as camadas da Igreja estivessem isentas destes ataques? Pois não rezamos nós no Pai Nosso «não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal», isto é, do Malígnio?

Este tema do exorcismo, embora não seja o único, é um dos elementos da Sagrada Escritura tratado na Tradição e Magistério Eclesiástico, expresso na Teologia e na Liturgia, bem como em algumas Catequeses papais: Paulo VI (Audiência de 15 de Novembro de 1972) e João Paulo II (1986) e no próprio Catecismo da Igreja Católica 1993 (can. 1673); Dom Manoel apresenta-o qual médico que diagnostica um cancro, não querendo com isto dizer que todos o tenham.

Se este Prelado se refere aqui unilateralmente ao negativo que possa existir no Mundo e na Igreja, não quer dizer que exclua o que há de positivo e de bom. Tais coisas são necessariamente pressupostas e inegáveis. Mas, ao denunciar o demónio e toda a sua acção maligna, não podia expressar-se de outro modo. Realmente quando se enterra um espinho na carne, há que tirá-lo para que o corpo não venha a gangrenar, mas fique são.

Maria de São José Sousa

Prefácio à edição francesa (*)

O Pe. Gabriel Amorth, exorcista da diocese de Roma, confia-nos o seu conhecimento e a sua experiência acerca do demónio. Este livro apareceu em Itália no Outono de 1990. Houve 8 edições durante os primeiros 12 meses. É o maior sucesso das edições Dehonianas em Roma desde a sua fundação; um sucesso perfeitamente explicável, uma vez que um verdadeiro perito e executante faz luz realista sobre este domínio, mal conhecido, e dá resposta necessária às questões que se colocam nesta situação, confusa e cheia de contrastes. Hoje em dia, com efeito,

– para muitos cristãos (entre os quais se incluem teólogos e eclesiásticos, sublinha o Pe. Amorth), o demónio já não existe. Seria apenas a personalização simbólica de fenómenos obscuros, psiquiátricos ou parapsicológicos em vias de explicação científica;

– para muitos outros, pelo contrário, o demónio exerce hoje em dia um fascínio credível. Tem o seu lugar na publicidade: fala-se de «beleza do diabo», «comboio do inferno», etc. Missas negras e seitas satânicas multiplicam-se em Itália, França, Alemanha e outros países. Aquando de uma recente emissão televisiva, várias pessoas mencionaram pactos, segundo elas vantajosos, que tinham com Satanás. «Vale a pena!», diziam. Não se apercebiam ainda de que o

(*) Gentilmente cedido pelas Editions F.X. de Guibert (O.E.I.L.).

preço é demasiado caro, pois o demónio não tem amigos, só tem escravos. E assim, carreiras brilhantes de cantores de rock «conseguidas» graças a Satanás, acabaram no suicídio.

Discernimento

Entre os teólogos que negam a existência do demónio e os que a defendem, onde está a verdade? Este livrinho está em condições de responder a esta questão e de dissipar as ignorâncias e confusões, por vezes dramáticas.

O nosso mundo permissivo admite, sem problemas, que toda a experiência é boa e inocente, e que se pode participar nela sem riscos. Números cristãos jovens e velhos fazem assim experiências do género da feitiçaria, da bruxaria, do ocultismo, do espiritismo, das religiões orientais e das suas derivações, ignorando completamente os perigos que correm e arrastando outros. Alguns tornam-se prisioneiros do demónio, ou mesmo possessos, sem se darem conta do que lhes acontece, e desconhecendo que o exorcismo os poderia libertar.

Além disso, alguns jovens comprometidos em vocações generosas, ou santos, que alcançaram o cume da sua vida espiritual, ficaram por vezes confundidos (como foi o caso do Sto. Cura d'Ars, Sta. Bernadete, Teresa de Lisieux, ou Madre Yvonne-Aimée de Malestroit) ao serem submetidos a agressões físicas e morais, que os puseram à beira do desespero e os fizeram sentar à «mesa dos pecadores», como dizia Teresa de Lisieux; porque Satanás descarrega contra aqueles que ameaçam o seu reino.

O Pe. Amorth faz um ponto da situação. Ele recorda, em traços largos, os principais ensinamentos da Escritura e como a vida de cada homem e a vida do mundo travam um combate espiritual: o Apocalipse refere-o em termos simbólicos, enquanto Cristo e o apóstolo S. Paulo o referem em termos mais directos. O demónio espreita-nos; conhece os

pontos fracos. Organiza o mundo para os explorar. O aumento extraordinário do erotismo, a apologia vitoriosa da homossexualidade, o mercado insinuante da droga e das suas máfias são os exemplos mais visíveis. A expansão do ateísmo, do materialismo e de tantas ilusões enganosas na nossa cultura e na nossa publicidade, levar-nos-ia, em meados do século XX, a dizer: o demónio modernizou-se. Organiza o seu reino no mundo como um Presidente do Conselho de Administração de uma empresa: tudo trabalha para ele. Vai poder repousar, renunciar às diabruras de antigamente, mas a sua maior habilidade é fazer-nos crer que não existe.

E não é demais dizê-lo! Hoje explora o sucesso assim adquirido, e os casos de infestação e possessão multiplicam-se a todos os níveis – constata Gabriel Amorth – a tal ponto que o desinteresse crónico de uma larga parte da hierarquia em relação ao demónio está hoje em vias de mudar, devido à pressão da urgência.

Quem é o Pe. Gabriel Amorth?

Pe. Amorth estava bem preparado para escrever este livro pela sua dupla competência de exorcista e jornalista, com uma experiência única e de primeiro plano.

Nascido em 1925, Gabriel Amorth empenhou-se, desde 1935, na Acção Católica, primeiro, como chefe de grupo de aspirantes, mais tarde dirigente da FUCI universitária, conquistando a sua graduação de jurista.

No fim da guerra, participou na perigosa luta contra o fascismo nas fileiras dos partidários católicos: com menos de 20 anos tinha a graduação de capitão. Empenhou-se na fundação da Democracia Cristã onde foi um dos homens de confiança de De Gasperi, para o qual trabalhou directamente com Andreotti, Fanfani, Colombo, Dossetti. Era,

além disso, vice-presidente nacional da juventude democrata cristã.

Doutorado em direito aos 22 anos, deixa tudo pelo sacerdócio. Entra nos Paulistas, ordem fundada em meados do nosso século para estabelecer a presença de Deus na comunicação social. Foi provincial em Itália em 1977-1978, dirigiu em seguida uma das revistas deste complexo mediático cristão, Madre de Dio (Mãe de Deus), em que o seu talento avançou uma etapa. Foi um dos descobridores de Medjugorje.

Será que a Virgem, inimiga da serpente, o fez mudar de rumo? Deixou a outros a direcção da sua revista para ir ajudar o Pe. Cândido Amantini, passionista, exorcista da diocese de Roma, que já não chegava para a tarefa.

Este mestre, herdeiro de uma grande experiência das tradições da Igreja, iniciou-o no discernimento e na prática do exorcismo. A vida do Pe. Amorth é passada ao serviço de tantas e tantas pessoas em perigo, que não têm ajuda, ou que vivem na ignorância de que não existe solução. Em 6 anos de trabalho esgotante, exorcizou cerca de 10 000 pessoas, 70 das quais possessos propriamente ditos.

Exorcistas e psiquiatras

Será que os exorcistas se querem sobrepor aos psiquiatras? De maneira nenhuma. Declarou-se, indevidamente, que estes substituem os exorcistas. A complexidade do problema, pelo contrário, convida-os a colaborar e o Pe. Amorth, como todo o exorcista sério, trabalha em colaboração com os médicos. Muitas vezes o seu trabalho começa precisamente quando se manifestam certos indícios psíquicos, ou ainda nas ocasiões em que as técnicas médicas e psiquiátricas se mostram derrotadas, tanto a nível de diagnóstico como de terapêutica. Num e noutro caso, o discernimento por vezes é difícil e fundado em conjecturas. Para o psiquiatra, é

confirmado pelo próprio tratamento. Para o exorcista, é confirmado através do exorcismo em que o demônio, sentindo-se mal, reage abertamente; e depois, sobretudo, pelo contraste entre a conduta aberrante do possesso, e o estado calmo, pacífico, normal, que ele readquire imediatamente após ser libertado.

O combate espiritual

O papel do exorcista não é fácil. Não é compreendido. É duro tanto a nível de trabalho, como de stress. A saúde do Pe. Amorth sofre com isso. Ele continua, ainda que com riscos, a submeter-se a uma disciplina de vida rigorosa e a tentar encontrar e formar novos colaboradores. Na realidade a procura aumenta nos locais onde os exorcistas exercem as funções normais na Igreja. É pois um grande benefício para tantas pessoas, deixadas ao abandono nos seus problemas obscuros, que recorrem aos advinhos, feiticeiros, bruxos, com duplo prejuízo relativamente à carteira e às tribulações.

O Pe. Amorth, o mais amável dos homens, não perdeu o seu temperamento lutador que já o tinha levado a pegar em armas contra Mussolini e posteriormente a participar no combate pela instauração da democracia em Itália:

— O senhor está envolvido no seu mais duro combate — disse-lhe eu.

— Sim, mas é aquele que me dá mais satisfação pastoral, porque a percentagem dos que reencontram profundamente a fé entre estes não-praticantes tentados ou possuídos por Satanás, é muito maior do que a que pude constatar nos meus ministérios anteriores.

Este livro denuncia a conspiração do silêncio sobre o combate espiritual e o papel do demônio. Isto não significa

que o Pe. Amorth valorize a importância das potências inferiores. Cristo é Criador. «É vencedor», como Ele próprio ensina, «desde o princípio». O demônio é marginal. Mas é um marginal perigoso porque a própria lei da criação é uma lei de amor, portanto, de liberdade. Deus não aniquila demônios e pecadores por um exercício mágico do seu poder. Deixou aos anjos caídos, muito superiores ao homem, a sua liberdade, a sua inteligência e o seu poder.

Segundo a Escritura, Satanás é o «Príncipe deste mundo». Deus não destrói o adversário exteriormente, pelo sopro da sua boca; é a justiça imanente que opera. Hitler destruiu-se pelo seu próprio erro e, aqueles que fazem pacto com Satanás, acabam muitas vezes no suicídio, porque um tal pacto não tem outro resultado senão a infelicidade e a catástrofe.

A explicação profunda deste combate é que Deus salva o mundo somente por amor, na liberdade. O «Príncipe deste mundo», aparentemente, ganhou a sua batalha contra Deus. Pôs rapidamente fim ao ministério de Cristo na Terra, tramando mesmo, eficazmente, a sua morte, através das cumplicidades teatralmente engendradas por Judas, seu apóstolo, pelos príncipes dos sacerdotes e pelo governador Pilatos. Mas foi assim que Cristo deu a maior prova de amor, donde surgiu a sua vitória e a sua Ressurreição. Ele ultrapassou a barreira do pecado, como os jactos atravessam a barreira de som, mas, sem violência nem alarido.

O combate continua. Deve ser ganho em cada época, em cada lugar, em cada vida. É o mais real e o mais grave dos combates, cujo sucesso é o mais assegurado. Mas em cada etapa será a vitória do amor. Os exorcistas existem para libertar os homens das ciladas específicas e muitas vezes derrotantes deste combate espiritual.

René Laurentin

Apresentação

É com muito prazer que introduzo algumas observações para predispor à leitura do livro do Pe. Gabriel Amorth, há vários anos meu valioso colaborador no ministério de exorcista. Alguns episódios aqui relatados foram vividos lado a lado e juntos partilhámos as preocupações, as canseiras e as esperanças na ajuda a tantas pessoas atribuladas com sofrimentos e que recorreram a nós.

É para mim uma grande alegria ver a publicação destas páginas porque, na verdade, nestes últimos decénios, embora muito se tenha escrito sobre quase todos os campos da Teologia e da Moral Católica, o tema dos exorcismos tem ficado praticamente esquecido. É possivelmente por causa desta escassez de estudos e desta falta de interesse que, ainda hoje, a única parte do Ritual que não foi revista segundo as disposições pós-conciliares é precisamente aquela que se refere aos exorcismos.

E, contudo, é grande a importância do ministério de «expulsar os demónios», como se conclui dos Evangelhos, da acção dos Apóstolos e da História da Igreja.

Quando S. Pedro foi conduzido, por uma inspiração sobrenatural, a casa do centurião Cornélio, para anunciar a fé cristã àquele primeiro punhado de gentios e para demonstrar que Deus tinha estado verdadeiramente com Jesus, sublinhou de modo muito especial o poder que Ele tinha manifestado ao libertar os subjugados pelo demónio (cf. Act 10,1-38). O Evangelho fala-nos, frequentemente, com narrações concretas, do poder extraordinário que

Jesus demonstrou neste campo. Se, ao enviar o seu Filho Unigénito ao mundo, o Pai tinha tido a intenção de pôr fim ao reino tenebroso de Satanás sobre os homens, que modo mais eloquente poderia ter adoptado Nosso Senhor para o demonstrar?

Os Livros Santos garantem que Satanás exprime o seu poder sobre o mundo também sob a forma de obsessão física. Entre os poderes específicos que Jesus quis transmitir aos Apóstolos e seus sucessores, pôs repetidas vezes em evidência o de expulsar os demónios (cf. Mt 10,8; Mc 3,15; Lc 9,10).

*Se, porém, Deus permite que alguns experimentem as investidas diabólicas, também lhes forneceu ajudas poderosas de vários géneros. Ele munuiu a Igreja de poderes sacramentais assaz eficazes para este fim. Mas, Deus também elegeu a Virgem Santíssima como antídoto permanente contra esta nefasta actividade de Satanás, mediante aquela inimizade que Ele estabeleceu, desde o início entre os dois adversários (sobre este assunto veja-se: Cândido Amantini, *Il Mistero di Maria*, Ed. Dehoniane, Napoles).*

A maioria dos escritores contemporâneos, não excluindo os teólogos católicos, embora não negando a existência de Satanás e dos outros anjos rebeldes, tem tendência a diminuir a importância da sua influência sobre as coisas humanas. Mais ainda: quando se trata de influência no campo físico, o descrédito é considerado um dever e até uma demonstração de sabedoria. A cultura contemporânea, vista no seu conjunto, considera uma ilusão própria de épocas primitivas o facto de atribuir a agentes diversos dos de ordem natural, a causa dos fenómenos que acontecem à nossa volta.

É evidente que o trabalho do Maligno fica enormemente facilitado com esta tomada de posição, especialmente quando ela é partilhada precisamente por aqueles que, pelo seu ministério, teriam a função e o poder de impedir a sua actividade. Porém, se nos basearmos na Sagrada Escritu-

ra, na Teologia, na experiência quotidiana, ainda hoje deveríamos pensar nos possessos do diabo, como uma legião de infelizes, a favor dos quais a ciência pode bem pouco, ainda que não o confesse abertamente.

Diagnosticar prudentemente uma demonopatia – assim se poderia chamar a todas as más influências diabólicas – não é impossível, na maior parte dos casos, para quem saiba ter em conta a sintomatologia específica em que a acção demoníaca normalmente se manifesta.

Um mal de origem diabólica, mesmo sendo recente, mostra-se estranhamente resistente a todos os medicamentos comuns; no entanto doenças gravíssimas, julgadas mesmo mortais, atenuam-se misteriosamente até desaparecerem totalmente depois de uma intervenção de ordem puramente religiosa. Por outro lado, as vítimas de um espírito Maligno, vêem-se como que perseguidas por uma contínua pouca sorte: a sua vida é uma série de desgraças.

Hoje, muitos estudiosos dedicam-se ao estudo dos fenómenos que se verificam nos indivíduos demonopatas, nos quais reconhecem francamente a existência de algo fora do normal e, por esta razão, os designam cientificamente com a terminologia de paranormais. Nós não negamos minimamente os progressos da ciência; mas é contra a realidade, continuamente experimentada por nós, iludirmo-nos, pensando que a ciência pode explicar tudo, e querermos reduzir todos os males a causas unicamente naturais.

São bem poucos os estudiosos que admitem seriamente a possibilidade de intromissões de potências estranhas, inteligentes e incorpóreas, como causa de certos fenómenos. Também poucos são os médicos que, postos perante um caso de doença com sintomatologia desconcertante e com resultados clinicamente inexplicáveis, encaram serenamente a eventualidade de estar perante doentes de outro género. Muitos, nestes casos, viram-se para Freud como seu próprio modelo sagrado. No entanto, é muitas vezes por isso

que reduzem aqueles desgraçados a uma condição ainda mais miserável, enquanto que a sua acção, associada à de um sacerdote exorcista, podia resultar, também nestes casos, muito benéfica.

O livro do Pe. Gabriel Amorth, sem ser extenso, expõe com clareza e põe o leitor directamente em contacto com a actividade do exorcista. Ainda que esta obra tenha um encadeamento lógico, não se reduz a princípios teóricos (existência do demónio, possibilidade da possessão física, etc.) nem a conclusões doutrinárias. Prefere deixar os factos falar por si, pondo o leitor perante aquilo que um exorcista vê e opera. Quanto a nós, estamos de coração com o Autor, homem da Igreja, depositário privilegiado do poder conferido por Cristo de expulsar os demónios em seu nome. Acredito, por isso, que este livro possa fazer muito bem e sirva de estímulo para outros estudos no mesmo sentido.

Pe. Cândido Amantini

Introdução

Quando o cardeal Ugo Poletti, vigário do Papa na diocese de Roma, sem eu esperar, me conferiu a faculdade de exorcista, eu não imaginava o mundo imenso que se abria à minha frente, nem a multidão de pessoas que recorreria ao meu ministério. Inicialmente este encargo foi-me confiado para ajudar o Pe. Cândido Amantini, passionista bastante conhecido pela sua experiência de exorcista, que fazia acorrer à Scalla Santa infelizes provenientes de toda a Itália e também do estrangeiro. Isto foi uma graça verdadeiramente grande. Uma pessoa não se torna exorcista por si só, a não ser com grandes dificuldades e a preço de erros inevitáveis, com prejuízo para os próprios fiéis. Creio que o Pe. Cândido é o único exorcista no mundo com 36 anos de experiência a tempo inteiro. Não podia ter um mestre melhor e agradeço-lhe pela infinita paciência com que me iniciou neste ministério, completamente novo para mim.

Fiz ainda outra descoberta. Os exorcistas em Itália são pouquíssimos, e os que estão preparados ainda são menos. A situação noutros países ainda é pior, por isso têm-me procurado para a bênção pessoas vindas de França, da Áustria, da Alemanha, da Suíça, de Espanha, de Inglaterra, onde – a acreditar no que dizem – não conseguiram encontrar um exorcista. Incúria dos bispos e dos sacerdotes?

Verdadeira incredulidade quanto à necessidade e à eficácia deste ministério? Em todos os casos sentia-me impelido a realizar o meu apostolado junto de pessoas que sofrem horivelmente e a quem ninguém compreende: nem os familiares, nem os médicos, nem os sacerdotes.

Hoje em dia a Pastoral, neste sector, e no mundo católico, está completamente descurada. Não era assim no passado e, devo reconhecer, que não é assim em certas confissões da reforma protestante, em que os exorcismos se fazem com frequência e com bons resultados. Cada catedral devia ter um exorcista, do mesmo modo que tem um confessor, e deviam ser tanto mais numerosos os exorcistas, quanto maiores fossem as necessidades: nas paróquias mais importantes, nos santuários.

No entanto, além de serem poucos, os exorcistas são mal vistos, combatidos, e têm dificuldade em encontrar hospitalidade para exercer o seu ministério. Sabe-se que os endemoninhados por vezes se enfurecem. Isto é o suficiente para que um superior religioso ou um pároco não queira exorcistas nos seus domínios: o viver calmo, o evitar perturbações vale mais do que a caridade para curar os possessos. Também eu tive de percorrer o meu calvário, embora muito menos penoso do que o de outros exorcistas que têm mais mérito e são mais procurados. É uma reflexão a que convido sobretudo os bispos, que no nosso tempo têm algumas vezes pouca sensibilidade para com este problema, tendo praticamente deixado de exercer este ministério. Trata-se contudo de um ministério que lhes foi exclusivamente confiado: somente eles o podem exercer ou nomear exorcistas.

Como é que nasceu este livro? Do desejo de pôr o fruto da muita experiência, mais do Pe. Cândido do que minha, à disposição de todos quantos estão interessados neste argumento. A minha intenção, em primeiro lugar, é oferecer um serviço aos exorcistas e a todos os sacerdotes. De facto, como cada médico de clínica geral deve estar em condições de indicar aos seus doentes qual é o especialista a que eventualmente devem recorrer (um otorrino, um ortopedista, um neurologista...), assim cada sacerdote deve ter o mínimo de conhecimentos que lhe permita discernir se uma pessoa necessita ou não de recorrer a um exorcista.

Há ainda um outro motivo, que levou vários sacerdotes a encorajar-me a escrever este livro: o Ritual, no que se refere às normas directivas para os exorcistas, recomenda-lhes que estudem «um grande número de documentos úteis de autores reconhecidos».

Mas quando se procura livros sérios sobre este tema, pouco se encontra; assinalo três: um é o de Mons. Balducci *Il Diavolo* (Ed. Piemme, 1988); é útil pela parte teórica, mas não pela prática, que é incompleta e contém erros; o autor é um demonólogo e não um exorcista. Há ainda um livro de um exorcista, Pe. Matteo la Grua, *A Oração de Libertação* (Ed. Herbita, Palermo, 1985); é um volume escrito para os Grupos do Renovamento, com a intenção de guiar a sua oração de libertação. Merece também menção o livro de Renzo Allegri, *Cronista all Inferno* (Ed. Mondadori, 1990); não se trata de um estudo sistemático mas de uma recolha de entrevistas conduzidas com extrema seriedade que narra casos-limite, seguramente verdadeiros, mas que não expõe os casos vulgares com que um exorcista se confronta.

Em conclusão, esforcei-me, nestas páginas, por preencher uma lacuna e apresentar o assunto sobre todos os aspectos; procurei respeitar a brevidade a que desde o início me impus, a fim de poder beneficiar um maior número de leitores. Proponho-me fazer um aprofundamento posterior noutros livros; espero que haja outros que escrevam com competência e sensibilidade religiosa, de modo que o assunto seja tratado, com a riqueza que lhe é devida e que nos séculos passados pertencia ao campo católico, encontrando-se agora praticamente só no campo protestante.

Devo dizer que não me detenho a demonstrar certas verdades que creio já adquiridas e que noutros livros já foram suficientemente abordadas: a existência de demónios, a possibilidade de possessão diabólica, o poder que Cristo deu de expulsar os demónios àqueles que acreditam

na mensagem evangélica. São verdades reveladas, claramente contidas na Bíblia, aprofundadas pela Teologia, constantemente ensinadas pelo magistério da Igreja. Preferi proceder de outro modo e debruçar-me sobre aquilo que é menos conhecido acerca das consequências práticas e que possa ter utilidade para os exorcistas e para todos quantos desejam ser informados sobre esta matéria. Perdoar-me-eis qualquer repetição sobre conceitos fundamentais.

Que a Virgem Imaculada, inimiga de Satanás desde o primeiro anúncio da Salvação (Génese 3,15) até ao seu cumprimento (Apocalipse 12), e que está unida ao seu Filho na luta para o combater, e lhe esmagar a cabeça, abençoe este trabalho, fruto de uma actividade extenuante, que confiante, coloco sob a protecção do seu manto materno.

Esta nova edição, ampliada ⁽¹⁾, comporta algumas observações suplementares. Eu não contava que este livro tivesse uma difusão tão larga e tão rápida (embora necessária), de forma a requerer novas edições em tão pouco tempo. Segundo a minha interpretação, isto confirma não só o interesse do público por este tema, mas também o facto de não existir, actualmente, nenhum livro na imprensa católica que aborde os exorcismos de maneira completa, embora concisa. E isto não só na Itália mas também em todo o mundo católico. É um dado significativo e triste porque revela um desinteresse inexplicável ou mesmo uma autêntica incredulidade.

Agradeço os muitíssimos elogios que recebi, as expressões de aprovação especialmente da parte de outros exorcistas, entre as quais a mais grata foi a do meu «mestre», o Pe. Cândido Amantini, que achou o meu livro fiel aos seus ensinamentos. Não recebi críticas que justificassem fazer modificações na minha obra. Nesta nova edição acrescentei o que me pareceu significativo para completar o tema tratado, mas não fiz correcções ao texto preexistente. Penso igual-

(1) 11.^a Edição em 1994, em língua italiana.

mente que as pessoas ou as categorias visadas pelas minhas críticas terão compreendido a recta intenção das minhas observações, e não terão ficado ofendidas. Ao escrever este livro tentei prestar, graças à imprensa, um serviço de alta escala, da mesma forma que todos os dias tento prestar um serviço a todos os que recorrem ao meu ministério de exorcista.

Dou graças ao Senhor por tudo. Seja-me concedido acrescentar algo nesta edição (²). Devo reconhecer que alguma coisa mudou nestes últimos dois anos: saíram importantes documentos episcopais, aumentaram os exorcistas, vários bispos ministram exorcismos, e novos livros se juntaram ao meu. Alguma coisa se está realizando. Não atribuo a mérito meu, mas assinalo o facto.

Concluo lembrando comovidamente o Pe. Cândido Amantini, que o Senhor chamou a si no dia 22 de Setembro de 1992. Era o dia do Santo do seu nome; aos companheiros que lhe desejaram felicidades disse simplesmente: «Peço a S. Cândido que me conceda uma prenda.»

Nasceu em 1914, entrou aos 16 anos para os Passionistas. Professor de Sagrada Escritura e de Moral, gastou-se durante 36 anos, sobretudo no ministério de exorcista. Recebia cerca de 60 a 80 pessoas todas as manhãs, escondendo o cansaço num rosto sorridente. Os seus conselhos eram realmente inspirados. O Pe. Pio disse acerca dele: «O Pe. Cândido é um sacerdote segundo o coração de Deus.»

O presente livro, tirando os defeitos que dizem respeito à minha pessoa, fica a testemunhar a sua experiência de exorcista para proveito de todos os interessados nesta matéria. Foi um dos motivos que me levou a escrevê-lo e fui obediéntissimo aos seus conselhos na fidelidade à sua longa experiência.

Pe. Gabriel Amorth

(²) *Ibidem.*

Centralidade de Cristo

Também o demónio é uma criatura de Deus; não se pode falar dele e dos exorcistas sem fazer referência, pelo menos de forma sistemática, a alguns conceitos-base sobre o plano de Deus na criação. Não diremos por certo nada de novo, mas talvez abramos perspectivas novas a alguns leitores.

Habituímo-nos, muitas vezes, a pensar na criação de uma forma errónea embora tenhamos adquirido uma série de dados. Crê-se que, num belo dia, Deus tenha criado os anjos; que os tenha submetido a uma prova, não se sabe bem qual, da qual resultou a divisão entre os anjos e os demónios: os anjos recompensados com o paraíso, os demónios punidos no inferno. Também se crê que, noutro belo dia, Deus tenha criado o universo, o reino mineral, vegetal, animal e por fim o homem. Adão e Eva no paraíso terrestre pecaram obedecendo a Satanás e desobedecendo a Deus. Nessa altura, para salvar a humanidade, Deus pensou enviar o seu Filho.

Não é este o ensinamento da Bíblia, nem é este o ensinamento dos Padres. Numa tal concepção, o mundo angélico e a criação tornam-se estranhos ao ministério de Cristo. Pelo contrário, leia-se o prólogo ao Evangelho de João e os dois Hinos cristológicos que abrem as cartas aos Efésios e aos Colossenses; Cristo é o primogénito de toda a criatura; tudo foi feito para Ele e por causa dele. Não têm sentido as discussões teológicas em que se questiona se Cristo teria vindo caso Adão não tivesse pecado. Ele é o centro da criação, Aquele que reuniu em si todas as criaturas: as celestes (anjos) e as terrestres (homens). Contudo, é verdadeiro afirmar

que, tendo-se dado a queda de Adão e Eva, a vinda de Cristo assumiu um papel particular: veio como Salvador. E no centro da sua acção está o mistério pascal: por meio do sangue da sua cruz reconcilia com Deus todas as coisas, no céu (anjos) e na terra (homens).

Deste ponto de vista cristocêntrico depende o papel de cada criatura. Não podemos omitir uma reflexão a respeito da Virgem Maria. Se o primogénito de toda a criatura é o Verbo encarnado, não podia estar ausente do pensamento divino, tendo prioridade sobre qualquer outra criatura, a figura daquela em que tal encarnação se iria verificar. Daqui a sua ligação única com a Ssma. Trindade, a ponto de ser chamada, já no século II «O quarto elemento da Tríade divina». Àqueles que desejarem aprofundar este aspecto, recomendamos os 2 volumes de Emanuele Testa, *Maria, Terra Vergine* (Jerusalém, 1986).

Impõe-se uma segunda reflexão quanto à influência de Cristo sobre anjos e demónios. No que se refere aos anjos, certos teólogos pensam que só em virtude do mistério da cruz, estes tenham sido admitidos à visão beatífica de Deus. Muitos padres formulam afirmações interessantes. Lemos por exemplo em St.^o Atanásio que também os anjos devem a sua salvação ao Sangue de Cristo. No que se refere aos demónios, as afirmações contidas no Evangelho são inúmeras: Cristo com a sua cruz venceu o reino de Satanás e instaurou o reino de Deus. Por exemplo, os endemoninhados gadarenos exclamaram: «que temos nós contigo Jesus, Filho de Deus? Vieste para nos atormentar antes do tempo?» (Mt 8,29). É uma clara referência ao poder de Satanás a diminuir progressivamente por causa de Cristo; por consequência, ainda perdura, e perdurará até que a salvação se complete, *porque foi precipitado o acusador dos nossos irmãos* (Ap 12,10). Para aprofundar estes conceitos e o papel de Maria, inimiga de Satanás desde o primeiro anúncio da

salvação, indicamos o belo livro de Pe. Cândido Amantini, *Il Mistero de Maria*, (Ed. Dehoniane, Napoles, 1971).

À luz da centralidade de Cristo é-nos dado ver o plano de Deus, que criou boas todas as coisas «para Ele e por causa dele». Também nos é dado ver a obra de Satanás, o inimigo, o tentador, o acusador, por cuja sugestão entrou na criação o mal, a dor, o pecado, a morte. Daí resulta a restauração do plano divino, operado por Cristo com o seu sangue.

O poder do demónio também é manifestamente claro. Jesus chama-lhe «príncipe deste mundo» (Jo 14,30); S. Paulo qualifica-o de «deus deste mundo» (2Cor 4,4); S. João afirma que «todo o mundo está sob o jugo do Maligno» (1Jo 5,19) entendendo-se por *mundo* tudo aquilo que se opõe a Deus. Satanás era o mais esplendoroso dos anjos; tornou-se o pior dos demónios e o seu chefe. Porque também os demónios estão vinculados entre si por uma hierarquia muito estrita e conservam o grau que ocupavam quando eram anjos: principados, tronos, dominações... É uma hierarquia de escravidão e não de amor como a que existe entre os anjos, cujo chefe é São Miguel.

A obra de Cristo é muito clara: foi Ele quem destruiu o reino de Satanás e instaurou o reino de Deus. Por isso, os episódios em que Jesus liberta os endemoninhados têm uma importância muito especial: quando Pedro evoca diante de Cornélio a obra de Cristo, não cita outros milagres, mas apenas o facto de ter curado «todos os que estavam sob o poder do diabo» (Act 10,38). Compreendemos agora porque é que o primeiro poder que Jesus dá aos apóstolos é o de expulsar os demónios (Mt 10,1); e a mesma coisa vale para os crentes: «Eis os sinais que acompanharão aqueles que acreditarem: em meu nome expulsarão os demónios...» (Mc 16,17). Assim Jesus salva e restabelece o plano divino, arruinado pela rebelião de uma parte dos anjos e pelo pecado dos nossos primeiros pais.

Deve ficar bem claro que o mal, a dor, a morte, o inferno

(isto é, a condenação eterna no tormento que não terá fim) *não são obra de Deus*. Permito-me fazer um breve comentário sobre este ponto. Um dia, o Pe. Cândido estava expulsando um demónio. No final do exorcismo voltou-se para aquele espírito imundo com ironia: «Vai-te daqui, de mais a mais, o Senhor preparou-te uma bela casa tão quentinha!» Ao que o demónio respondeu: «Tu não sabes nada. Não foi Ele (Deus) que fez o inferno. Fomos nós. Ele nem tinha pensado nisso.» Em situação análoga, enquanto interrogava um demónio para saber se também ele tinha colaborado a criar o inferno obtive esta resposta: «Todos nós contribuímos.»

A centralidade de Cristo, no plano da criação e na restauração dela, através da redenção, é fundamental para se compreenderem os desígnios de Deus e a finalidade do homem. Na verdade aos anjos e aos homens foi dada uma natureza inteligente e livre. Quando ouço dizer (confundindo a presciência divina com a predestinação) que Deus sabe já quem se salva e quem se condena, por isso tudo é inútil, habitualmente respondo recordando quatro verdades claramente contidas na Bíblia, que vieram a ser definidas dogmaticamente: Deus quer que todos se salvem; ninguém é predestinado ao inferno; Jesus morreu por todos; a todos são dadas as graças necessárias à salvação.

A centralidade de Cristo ensina-nos que só no seu nome podemos ser salvos. E só no seu nome podemos vencer e libertar-nos do inimigo da salvação, Satanás.

Já no final dos exorcismos, quando se trata de casos mais fortes, aqueles de total possessão diabólica, rezo o hino cristológico da Carta aos Filipenses (2,6-11). Quando chego às palavras «para que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos», eu ajoelho-me, ajoelham-se os presentes e o próprio endemoninhado vê-se sempre obrigado a ajoelhar. É um momento forte e sugestivo. Tenho a impressão de que também as legiões angélicas, que estão à nossa volta, se ajoelham perante a invocação do nome de Jesus.

O poder de Satanás

Os limites impostos pela finalidade prática deste livro, não me permitem aprofundar temas teológicos de extremo interesse. Tal como no capítulo anterior, limitar-me-ei a falar do tema por alto. Certamente um exorcista como o Pe. Cândido, acostumado a falar com os demónios há 36 anos e com uma profunda e segura base teológica e de Sagrada Escritura, está em posição de fazer conjecturas sobre temas em que a teologia do passado preferiu dizer «não sabemos», como é o caso do pecado dos anjos rebeldes. Na verdade tudo o que Deus criou segue um desígnio unitário, em que cada parte influencia o todo e cada sombra tem uma repercussão de obscuridade sobre todo o resto. A teologia será sempre imperfeita e incompreensível, até que se decida pôr a claro tudo o que se refere ao mundo angélico. Uma cristologia que ignore Satanás é raquítica e não poderá nunca compreender o que a Redenção trouxe.

Voltemos ao nosso tema sobre Cristo, centro do universo. Tudo foi feito para Ele e por causa dele: nos céus (anjos) e na terra (o mundo sensível cuja cabeça é o homem). Seria belo falar só de Cristo; mas seria contra todos os seus ensinamentos e contra a sua obra. Por aí nunca chegaríamos a compreendê-lo. A escritura fala do Reino de Deus, mas também do Reino de Satanás, e fala do poder de Deus, único criador e Senhor do Universo; mas também fala do poder das trevas; fala dos filhos de Deus e dos filhos do diabo. É impossível compreender a obra redentora de Cristo sem ter em conta a obra desagregadora de Satanás.

Satanás era a criatura mais perfeita saída das mãos de Deus; foi-lhe dada uma reconhecida autoridade e superioridade sobre os outros anjos e, pensava ele, também, sobre tudo quanto Deus estava a criar e que ele procurava compreender, mas que na realidade não compreendia. Todo o plano unitário da criação, com efeito, estava orientado para Cristo: não poderia ser revelado em toda a sua clareza antes do aparecimento de Cristo no mundo. Daí a rebelião de Satanás, que queria continuar a ser o primeiro absoluto no centro da Criação, ainda que em oposição aos desígnios que Deus estava a realizar.

Daí os seus esforços para dominar no mundo («Todo o mundo está sob o poder do Maligno», 1Jo 5,19) e sujeitar o homem ao seu serviço desde os nossos primeiros pais, querendo que lhe obedecessem a ele, em oposição às ordens de Deus. Conseguiu-o com os nossos primeiros pais, Adão e Eva, e contava consegui-lo também com todos os outros homens ajudado pela «terça parte dos anjos» que, segundo o Apocalipse, o seguiram na rebelião contra Deus.

Deus nunca renega as suas criaturas. É por isso que Satanás e os anjos rebeldes, embora distanciando-se de Deus, continuam a conservar o seu poder e a sua categoria (Tronos, Dominações, Principados, Potestades...) embora façam mau uso dele. Não exagera Santo Agostinho ao afirmar que, se Deus desse toda a liberdade a Satanás, «nenhum de nós ficaria com vida». Não nos podendo matar, procura fazer de nós seus sequazes, em oposição a Deus, tal como ele está em oposição a Deus.

Surge então a obra do Salvador: Jesus veio «para destruir as obras do diabo» (1Jo 3,8), para libertar o homem da escravidão de Satanás e instaurar o Reino de Deus, depois de ter destruído o reino de Satanás. Mas entre a primeira vinda de Cristo e a Parusia (a 2.^a vinda triunfal como juiz) o demónio procura atrair para si o maior número de pessoas possível: é uma luta desesperada que ele conduz, sabendo-

-se antecipadamente vencido e «sabendo que lhe resta pouco tempo» (Ap 12,12). É por isso que Paulo declara com toda a clareza que «não é contra adversários de carne e sangue que temos que lutar, mas contra os Príncipados, contra as Potestades, contra as Dominações deste mundo de trevas, contra os espíritos malignos (os demónios) espalhados pelos ares» (Ef 6,12).

Repare-se ainda que a Escritura fala sempre de anjos e demónios (aqui em particular refiro-me a Satanás), como seres espirituais sim, mas também pessoais, dotados de uma inteligência, de uma vontade, de uma liberdade, de um espírito empreendedor. Erram completamente aqueles teólogos modernos que identificam Satanás com a ideia abstracta do mal: isto é heresia autêntica, ou seja, está em aberta oposição à Bíblia, à patrística, ao magistério da Igreja. Trata-se de verdades que nunca foram postas em dúvida no passado, e, por isso mesmo, privadas de definições dogmáticas, exceptuando as do IV Concílio de Latrão: «O diabo (isto é, Satanás) e os outros demónios foram criados bons por Deus, mas tornaram-se maus por sua própria culpa.» Aquele que ignora Satanás nega também o pecado e não percebe nada da obra de Cristo.

Sejamos ainda mais claros: Jesus venceu Satanás através do Seu sacrifício; mas, antes deste, pelo seu ensinamento: «se Eu, pelo dedo de Deus, expulso os demónios, significa que chegou até vós o Reino de Deus» (Lc 11,20). Jesus é o mais forte, aquele que *amarrou* Satanás (Mc 3,27), espoliou-o e sufocou o seu reino que está *a caminhar para o seu fim* (Mc 3,26). É assim que Jesus responde àqueles que o avisaram da intenção de Herodes de o matar: «Ide dizer àquela raposa: vede, Eu expulso os demónios hoje e amanhã; no terceiro dia terminarei» (Lc 13,32). Jesus dá aos Apóstolos o poder de expulsar os demónios, em seguida estende este poder aos 72 discípulos e, por fim, confere-o a todos os que acreditarem nele.

O livro dos Actos testemunha como os apóstolos começaram a expulsar os demónios depois da descida do Espírito Santo; e assim continuaram os cristãos. Já os mais antigos Padres da Igreja, como por exemplo Justino e Ireneu, expõem com clareza o pensamento cristão sobre o demónio e sobre o poder de o expulsar, sendo seguidos por outros padres, entre os quais cito Tertuliano e Orígenes. Basta citar estes 4 autores para envergonhar tantos teólogos modernos que praticamente não acreditam nos demónios ou não falam absolutamente nada sobre eles.

O Vaticano II lembrou fortemente os ensinamentos contidos na Igreja. «Toda a história humana é marcada por uma luta tremenda contra o poder das trevas, uma luta começada desde a origem do mundo» (GS 37). «O homem tentado pelo Maligno desde a origem da história, abusou da sua liberdade levantando-se contra Deus e desejando conseguir os seus fins sem ter em conta o próprio Deus. Receando reconhecer Deus como seu princípio, o homem violou a ordem estabelecida em vista ao seu fim último» (GS 13). «Mas Deus enviou o seu Filho ao mundo, para, por seu intermédio, libertar o homem do poder das trevas e do demónio» (AG 1, 3). Como é que aqueles que negam a existência e a actuação activíssima do demónio podem compreender a obra de Cristo? Como poderão compreender o valor da morte redentora de Cristo? Baseando-se nos textos das Escrituras, o Vaticano II afirma: «Cristo pela sua morte libertou-nos do poder de Satanás» (SC 6); «Jesus crucificado e ressuscitado venceu Satanás» (GS 2).

Vencido por Cristo, Satanás combate contra aqueles que o seguirem, os fiéis; a luta contra «os espíritos malignos continua, e durará, como diz o Senhor, até ao último dia» (GS 37). Até lá todo o homem é envolvido na luta, sendo a vida terrena uma prova de fidelidade a Deus; por isso, «os fiéis devem esforçar-se por resistir às tentações do demónio e fazer-lhe frente nos dias mais difíceis. Antes de reinar

com Cristo glorioso, no fim da nossa vida terrestre, que é uma só (não existe outra prova), compareceremos todos diante do Tribunal de Cristo, para dar contas do que cada um fez de bem ou mal durante a sua existência mortal, e no fim do mundo seremos conduzidos: os que fizeram o bem para a ressurreição da vida, os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação» (cf. LG 48).

Embora esta luta contra Satanás abranja todos os homens e todos os tempos, não há dúvida de que, em certas épocas da história, o poder de Satanás se faz sentir mais fortemente, pelo menos a nível comunitário e de pecados em massa. Por exemplo, quando fiz os meus estudos sobre o Império Romano do tempo da decadência, foi-me posto em destaque o descalabro moral daquela época. A carta de Paulo aos Romanos é testemunho fiel e inspirado desse facto. Ora, encontramos-nos no mesmo nível devido, entre outras coisas, ao mau uso dos meios de comunicação social (que em si mesmos são bons), assim como ao materialismo e ao consumismo que envenenaram o mundo ocidental. Creio que Leão XIII, durante uma visão de que falaremos no fim deste capítulo, recebeu uma profecia relativa a este ataque demoníaco específico.

De que modo o demónio se opõe a Deus e ao Salvador? Querendo para si o culto devido ao Senhor e imitando as instituições cristãs. É por isso que é anticristo e anti-Igreja. Contra a Encarnação do Verbo, que redimiu o homem fazendo-se Ele próprio homem, Satanás serve-se da idolatria do sexo, que degrada o corpo humano e faz dele um instrumento de pecado. Por outro lado, imitando o culto divino, tem as suas igrejas, o seu culto, os seus consagrados (muitas vezes com pactos de sangue), os seus adoradores, os seguidores das suas promessas. Do mesmo modo, tal como Cristo deu poderes específicos aos Apóstolos, e seus sucessores, destinados ao bem das almas e dos corpos, também Satanás dá poderes específicos aos seus seguidores, que visam a

perdição das almas e a doença dos corpos. Adiantaremos mais sobre estes poderes quando falarmos do malefício.

Ainda uma reflexão acerca de um tema que merece ser aprofundado: se por um lado é falso negar a existência de Satanás, também é erróneo, segundo a opinião mais seguida, afirmar a existência de outras forças ou entidades espirituais, ignoradas na Bíblia e inventadas pelos espíritas, pelos que cultivam as ciências esotéricas ou ocultas, pelos adeptos da reencarnação ou pelos que defendem a existência das chamadas «almas errantes». Não existem espíritos bons fora dos anjos: nem existem espíritos maus fora dos demónios. As almas dos defuntos vão logo para o paraíso, ou para o inferno ou para o purgatório, como foi definido nos dois Concílios (Lyon e Florença). Os defuntos que se apresentam nas sessões de espiritismo, ou as almas dos defuntos presentes nos seres vivos, para os atormentar, não são senão demónios. As raríssimas excepções permitidas por Deus, são excepções que confirmam a regra. Reconhecemos porém que, neste campo, ainda não foi dada a última palavra, é um terreno cuja problemática ainda se encontra em aberto. O Pe. La Grua fala de várias experiências verificadas por ele com almas de defuntos em poder do demónio e avança algumas hipóteses tendentes a explicar este fenómeno. Repito: é um terreno ainda a estudar a fundo; proponho-me fazê-lo noutra ocasião.

Alguns admiram-se da possibilidade que os demónios têm de tentar o homem ou o direito de possuir o corpo (embora a alma, nunca, a não ser que o homem lha entregue livremente), através da possessão ou vexação. Será bom recordar aquilo que diz o Apocalipse (12,7 e seguintes): «E travou-se uma batalha no céu: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o dragão: e este pelejava também, juntamente com os seus anjos. Mas não prevaleceram, e não se encontrou para eles mais lugar no céu. O grande dragão, a antiga serpente, o *diabo* ou *Satanás* como lhe chamam... foi preci-

pitado na terra juntamente com os seus anjos.» O dragão vendo-se precipitado na terra perseguiu «A mulher vestida de sol» de que nasceu Jesus (é claríssimo que se trata da SSma. Virgem) mas os esforços do dragão foram em vão. «Foi então fazer guerra ao resto dos seus filhos, os quais guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus.»

Através de tantos discursos de João Paulo II sobre Satanás, refiro uma passagem que disse em 24 de Maio de 1987, durante a visita ao Santuário de S. Miguel Arcanjo: «Esta luta contra o demónio que trava o Arcanjo S. Miguel é actual ainda hoje, porque o demónio ainda está vivo e operante no mundo. Na verdade, o mal que existe, a desordem que reina na sociedade, a incoerência do homem, a divisão interior da qual o homem é vítima, não são só a consequência do pecado original, mas também efeito da acção devastadora e obscura de Satanás.»

Esta última frase é uma clara alusão à condenação de Deus em relação à serpente, conforme vem narrado no Génesis (3,15): «Porei inimizade entre ti e a Mulher, entre a tua descendência e a descendência dela; esta esmagar-te-á a cabeça.» O demónio já está no inferno? Quando se travou a luta entre os anjos e os demónios? São interrogações às quais não se pode responder sem ter em conta pelo menos dois factores: que estar no inferno ou não é mais uma questão de estado do que de lugar. Anjos e demónios são puros espíritos; para eles a noção de «lugar» tem um sentido diferente do que nós lhe atribuímos. A mesma coisa vale para a dimensão do tempo; para os espíritos tem um sentido diferente do que tem para nós.

O Apocalipse conta-nos que os demónios foram precipitados na terra; a sua condenação definitiva ainda não se verificou, embora seja irreversível a escolha feita que separou os anjos dos demónios. Conservam ainda um poder autorizado por Deus embora seja «por pouco tempo». É por isso

que gritaram a Jesus: «Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?» (Mt 8,29). O único juiz é Cristo que associará a si o seu Corpo Místico. É assim que se devem interpretar as palavras de São Paulo: «Não sabeis que julgaremos os anjos?» (2Cor 6,8). É em razão deste poder que os possesores de Gerasa se dirigiram a Cristo e «suplicaram-lhe que não os mandasse ir para o inferno, mas que lhes permitisse entrar nos porcos» (Lc 8,31.32). Quando um demónio deixa uma pessoa e é precipitado no inferno, isso é para ele como uma morte definitiva. É por isso que ele se opõe com todas as suas forças. Vai ter ainda que pagar todos os sofrimentos que causa às pessoas com um aumento da sua pena eterna. Ao afirmar que o juízo definitivo, no que se refere aos demónios, ainda não foi pronunciado, São Pedro é muito claro quando escreve: «Deus não perdoou aos anjos que pecaram, e precipitou-os nos abismos tenebrosos do Inferno para serem reservados para o Juízo» (2Pe 2,4). Paralelamente, os anjos verão a sua glória aumentar pelo bem que fizerem; é por isso que é muito útil invocá-los.

Que espécie de incómodos é que o demónio pode causar aos homens, enquanto vivos? Não é fácil encontrar obras que tratem de tal tema porque não existe, entre outras coisas, uma linguagem comum, aceite unanimemente. Por isso vou-me esforçar por precisar o sentido dos termos que irei empregar aqui e nos outros capítulos do meu livro.

Há uma *acção vulgar* do demónio que toca a todos os homens: consiste em atraí-los para o mal. O próprio Jesus aceitou a nossa condição humana, deixando-se tentar por Satanás. Não falarei agora desta acção nefasta do diabo porque, embora seja importante, prefiro descrever a *acção extraordinária* de Satanás, isto é, aquela que Deus lhe consente somente em determinados casos.

Esta acção pode assumir cinco formas diferentes.

1.º – *Os sofrimentos físicos causados por Satanás exter-*

namente. Estes são os fenómenos que lemos em tantas vidas de santos. Sabemos como S. Paulo da Cruz, o St.º Cura de Ars, o Pe. Pio e tantos outros foram feridos, flagelados, sovados por demónios. Não me alongarei sobre este tipo de acção porque nestes casos, não estando as vítimas sujeitas a uma influência interna do demónio, não têm necessidade de recorrer a exorcismos. São pessoas conscientes da situação que intervêm pela oração. Prefiro descrever as outras quatro formas de acção, que interessam directamente aos exorcistas.

2.º – *A possessão diabólica*. É o tormento mais grave e surge quando o demónio toma posse de um corpo (não de uma alma), fazendo-o agir ou falar como ele quer, não podendo a vítima resistir e não sendo moralmente responsável por isso. Esta forma de acção é também a que mais se presta a fenómenos sensacionalistas do tipo daqueles que se vêem no filme *O Exorcista* ou do tipo dos sinais mais espectaculares indicados no ritual: falar línguas desconhecidas, demonstrar uma força anormal, revelar coisas escondidas.

O Evangelho dá-nos um exemplo com o possesso de Gerasa. É preciso compreender que existe toda uma gama de possessões, apresentando grandes diferenças quanto à sua gravidade e aos seus sintomas. Seria um grande erro fixarmo-nos num único modelo. Entre tantos pacientes, exorcizei duas pessoas totalmente possuídas que durante a sessão de exorcismo estavam perfeitamente imóveis, sem dizer uma única palavra. Poderia citar vários exemplos de possessão com fenomenologias muito diferentes.

3.º – *A vexação diabólica* designa distúrbios e doenças mais ou menos graves que, embora não cheguem à possessão, ocasionam uma perda de consciência, acompanhadas de actos ou de articulação de palavras de que a vítima não é responsável. A Bíblia fornece-nos alguns exemplos. Job não era vítima de uma possessão diabólica mas os seus

filhos, os seus bens e a sua saúde foram duramente afectados. Também a mulher encurvada e o surdo-mudo curados por Jesus não tinham uma possessão diabólica total, mas a presença de um demónio estava na origem dos seus problemas físicos. S. Paulo não era com certeza um endemoninhado, contudo era vítima de uma vexação diabólica que consistia num distúrbio maléfico: «E para que a grandeza das revelações me não enobrecessem, foi-me dado um espinho na carne (tratava-se evidentemente de um mal físico), um anjo de Satanás para me esbofetear» (2Cor 12,7); não há dúvida de que a origem deste mal era maléfica.

As possessões ainda hoje são muito raras; contudo, os exorcistas deparam-se com um grande número de pessoas feridas pelo demónio na saúde, nos bens, no trabalho, na vida afectiva.... É preciso ficar claro que o facto de diagnosticar a origem maléfica destes males (isto é, de saber se se trata de uma causa maléfica ou não) e de a curar, não é de modo nenhum mais simples do que o de diagnosticar e curar as verdadeiras possessões; pode ser diferente o nível de gravidade, mas não a dificuldade em interpretar o fenómeno, nem o tempo necessário para o curar.

4.º – *A obsessão diabólica*. Trata-se de ataques de improviso, por vezes contínuos, de pensamentos obsessivos podendo ir até ao racionalmente absurdo; mas de tal modo que a vítima não tem capacidade para se libertar. Por causa disto, a pessoa cativa vive num contínuo estado de prostração, de desespero, de tentação de suicídio. As obsessões também influenciam quase sempre os sonhos. Dir-me-ão que se trata de estados mórbidos, da competência da psiquiatria. Todos os outros fenómenos também se podem explicar pela psiquiatria, pela parapsicologia ou ciências similares; no entanto, existem casos que escapam totalmente a estas ciências e que revelam, pelo contrário, sintomas concretos de causas maléficas ou presenças maléficas. Só um

trabalho teórico e prático permite aprender a distinguir estas diferenças.

5.º – Façamos por fim das *infestações diabólicas*: das casas, dos objectos, dos animais. Não me vou deter sobre este tema, uma vez que vou fazer alusão a ele ao longo do livro. Basta frisar o sentido que dou ao termo *infestação*. Prefiro não o aplicar às pessoas, em relação às quais utilizo antes os termos: *possessão*, *vexação*, *obsessão*.

Como é que nos podemos defender contra todos estes males possíveis? Diga-se de imediato que, e muito embora a consideremos uma norma imperfeita, os exorcismos só são necessários, em rigor, segundo o Ritual, para os casos de *possessão diabólica* propriamente dita. Ora nós, os exorcistas, na realidade ocupamo-nos de todos os casos de *influência maléfica*. No entanto, para os outros casos que não sejam os de *possessão* deveriam bastar os meios de graça comuns: a oração, os sacramentos, a caridade, a vida cristã, o perdão das ofensas, o constante recurso ao Senhor, à Virgem Maria, aos santos e aos anjos. E é sobre este último ponto que desejo deter-me.

É com agrado que terminamos este capítulo sobre o demónio, adversário de Cristo, falando dos anjos: são os nossos grandes aliados; devemos-lhes tanto que é um erro falar-se tão pouco deles. Cada um de nós tem o seu Anjo da Guarda, amigo fidelíssimo 24 horas por dia, desde o nascimento até à morte. Protege-nos incessantemente a alma e o corpo; e nós, a maior parte do tempo nem sequer pensamos nisso. Sabemos também que as nações têm o seu anjo particular, assim como, sem dúvida, também há um para cada comunidade e por certo para cada família, ainda que não tenhamos certezas. Sabemos no entanto que os anjos são numerosíssimos e estão desejosos de nos fazer bem, um bem superior ao mal que os demónios se esforçam por nos infligir e pelo qual nos tentam arruinar.

A Escritura fala-nos muitas vezes acerca dos anjos nas várias missões que o Senhor lhes confia. Conhecemos o nome do príncipe dos anjos, S. Miguel: há também entre os anjos uma hierarquia baseada no amor e regida por aquele influxo divino «em que a sua vontade é a nossa paz», como dizia Dante. Conhecemos também o nome de outros dois Arcanjos: Gabriel e Rafael. Um apócrifo acrescenta um quarto nome: Uriel. Através da Escritura conhecemos a subdivisão dos anjos em nove coros: Inações, Potestades, Tronos, Principados, Virtudes, Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins. O crente que sabe que vive na presença da Ssma. Trindade anseia por tê-la dentro de si; sabe que é continuamente assistido por uma mãe, que é a própria Mãe de Deus; sabe que pode contar com a ajuda dos anjos e dos santos; como é que se pode sentir só, ou abandonado, ou mesmo oprimido pelo mal? Na vida do crente há lugar para a dor, porque é a via da cruz que salva; mas não há lugar para a tristeza. Está sempre pronto a dar testemunho a quem quer que o interrogue sobre a esperança que o anima (cf. 1Pe 3,15).

É claro que, embora o crente deva também ser fiel a Deus, deve temer o pecado. É este o remédio em que se fundamenta a nossa força, a ponto de S. João não hesitar em dizer: «Sabemos que todo aquele que nasce de Deus não peca; mas Aquele que foi gerado por Deus guarda-o e o Maligno não lhe toca» (1Jo 5,18). Se a nossa fraqueza nos faz cair de vez em quando, devemos levantar-nos rapidamente através desse meio formidável que a misericórdia divina nos concedeu: o arrependimento e a confissão.

A visão diabólica de Leão XIII

Muitos de nós recordamos que, antes da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, os celebrantes e os fiéis, no fim de cada Missa, ajoelhavam-se para rezar uma oração a Nossa Senhora e outra a S. Miguel Arcanjo. Reportamo-nos ao texto desta última porque é uma oração bonita que pode ser rezada por toda a gente para seu próprio benefício:

«São Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate, sede nosso auxílio contra a malícia e ciladas do demónio. Exercer Deus sobre ele império, como instantemente vos pedimos, e Vós, Príncipe da milícia celeste, pelo divino poder, precipitai no Inferno Satanás e os outros espíritos malignos que vagueiam pelo mundo para perder as almas.»

Como é que nasceu esta oração? Transcrevo um artigo que foi publicado na revista *Ephemerides Liturgicae* escrito pelo Pe. Domenico Pechenino em 1955 (pp. 58-59).

«Não me lembro exactamente do ano. Uma manhã, o grande Pontífice Leão XIII tinha celebrado a St.^a Missa e estava a assistir a uma outra de acção de graças, como de costume. De repente, viu-se ele virar energicamente a cabeça, depois de fixar qualquer coisa intensamente, sobre a cabeça do celebrante. Mantinha-se imóvel, sem pestanejar, mas com uma expressão de terror e de admiração, tendo o seu rosto mudado de cor. Adivinhava-se nele qualquer coisa de estranho, de grande.

Finalmente voltando a si, bate ligeira, mas energicamen-

te, com a mão, levanta-se. Dirige-se ao seu escritório particular. Os mais próximos seguem-no com preocupação e ansiedade. E perguntam-lhe em voz baixa: *Santo Padre, não se sente bem? Precisa de alguma coisa?* Responde: «*Nada, nada.*»

Daí a uma meia hora manda chamar o Secretário da Congregação dos Ritos e, estendendo-lhe uma folha de papel, manda-a imprimir e envia-a a todos os Ordinários do mundo. Que assunto continha? A oração que rezávamos no fim da missa com o povo, com a súplica a Maria e a invocação ardente ao Príncipe das milícias celestes, implorando a Deus que precipite Satanás no inferno».

Naquele escrito ordenava-se igualmente que as orações fossem rezadas de joelhos. Também foi publicado no jornal *La Settimana del Clero*, em 30 de Março de 1947, não sendo citada a fonte que deu origem à notícia. Será contudo notada a maneira insólita como esta oração, enviada aos Ordinários em 1886, foi mandada rezar. Para confirmar aquilo que o Pe. Pechenino escreveu, dispomos do testemunho irrefutável do cardeal Natalli Rocca, que na sua carta pastoral para a Quaresma, emanada de Bolonha em 1946, diz: «Foi mesmo Leão XIII quem redigiu esta oração. A frase *Satanás e os outros espíritos malignos que vagueiam pelo mundo para perder das almas* tem uma explicação histórica que o seu secretário particular, Mons. Rinaldo Angeli, nos contou várias vezes; Leão XIII teve verdadeiramente a visão de espíritos infernais que se adensavam sobre a cidade eterna (Roma) e foi desta experiência que nasceu a oração que ele quis que toda a Igreja rezasse. Esta oração, rezava-a ele com voz viva e vibrante: ouvimo-la muitas vezes na Basílica do Vaticano. Mas isto não é tudo: ele escreveu também por suas próprias mãos um exorcismo especial que figura no Ritual Romano (ed. 1954, tit. XII, c.III, pp. 863 e ss.). Recomendava aos bispos e aos sacerdotes que rezassem muitas vezes estes exorcismos nas suas

dioceses e paróquias. Ele próprio o fazia muitas vezes durante o dia.»

Também é interessante ter em conta um outro acontecimento que reforça ainda mais o valor desta oração rezada no fim de cada Missa. Pio XI quis que, ao serem rezadas estas orações, se pusesse uma intenção particular pela Rússia (alocução de 30 de Junho de 1930). Nesta alocução, depois de ter lembrado as orações pela Rússia, que ele próprio tinha pedido a todos os fiéis aquando da festa do Patriarca S. José (19 de Março de 1930), e depois de ter lembrado a perseguição religiosa na Rússia, concluiu com estas palavras:

«E para que todos possam sem fadiga e sem obstáculos continuar esta santa cruzada, decidimos que as orações que o nosso bem-amado predecessor Leão XIII ordenou aos sacerdotes e aos fiéis que rezassem depois da Missa sejam ditas por esta intenção particular, isto é, pela Rússia. Que os bispos e o clero secular e regular tomem ao seu cuidado informar os fiéis e aqueles que assistem ao Santo Sacrifício, e que não se esqueçam de lhes lembrar estas orações» (*Civiltà Cattolica*, 1930, vol. III).

Conforme se pode constatar a presença aterrorizadora de Satanás foi claramente tida em conta pelo Pontífice; e a intenção que Pio XI tinha acrescentado visava mesmo o fundamento das falsas doutrinas difundidas no nosso século, que envenenaram não só a vida dos povos mas também dos próprios teólogos. Se a disposição tomada por Pio XI não foi respeitada, a falta deve-se àqueles a quem tinha sido confiada; inseria-se perfeitamente no âmbito dos avisos carismáticos que o Senhor havia dado à humanidade através das aparições de Fátima, embora mantendo-se independente desta: Fátima ainda era desconhecida no mundo.

Os «dons» de Satanás

Também Satanás dá poderes àqueles que lhe são devotos. Por vezes acontece que, como ele é um autêntico mentiroso, os destinatários destes poderes não compreendem imediatamente a sua proveniência, ou não querem compreender, tão felizes que ficam por receber estes dons gratuitos. Pode acontecer que uma pessoa tenha o dom da clarividência; outras vezes basta que lhes ponham à frente uma folha de papel branco e uma caneta na mão, para redigirem espontaneamente páginas e páginas de mensagens; outras ainda têm a impressão de se desdobrar e que uma parte do seu ser pode penetrar em casas e ambientes mesmo longínquos; é muito comum que algumas pessoas ouçam «uma voz» que por vezes sugere oração e muitas outras coisas.

Poderia continuar esta lista. Qual é a fonte destes dons particulares? Trata-se de carismas do Espírito Santo? São presentes de origem diabólica? Ou trata-se muito simplesmente de fenómenos metafísicos? A verdade só pode ser estabelecida depois de um estudo ou de um discernimento efectuado por pessoas competentes. Quando S. Paulo estava em Tiatira, aconteceu ser perseguido por uma escrava que tinha o dom de adivinhar e que, com este dom, dava muito lucro aos seus patrões. Mas era um dom de origem diabólica, que desapareceu logo quando S. Paulo expulsou dela o espírito maligno (Act 16,16-18).

A título de exemplo, examinemos alguns extractos dum testemunho assinado por «Erasmus di Bari» e publicado no *Rinnovamento dello Spirito Santo*, em Setembro de 1987. (As observações que figuram entre parêntesis são colocadas por nós):

«Fiz, há vários anos, a experiência do jogo do *copo* sem saber que se tratava de uma forma de espiritismo. As mensagens tinham uma linguagem de *paz* e de *fraternidade* (repare-se como o demónio se sabe dissimular sob a aparência

de bem). Algum tempo depois, recebi poderes estranhos, exactamente em Lourdes (este detalhe também é digno de interesse: não existe lugar, por mais sagrado que seja, onde os demónios não se possam introduzir).

Eu possuía essa faculdade que a parapsicologia define como extra-sensorial, isto é: clarividência, leitura do pensamento, diagnóstico clínico, leitura do coração e da vida das pessoas vivas ou mortas, assim como outros poderes. Alguns meses mais tarde, apareceu-me outra faculdade: a de suprimir a dor física pela imposição das mãos aliviando ou suprimindo o estado de sofrimento. Seria aquilo a que chamam a pranoterapia?

Graças a todos estes poderes, eu podia comunicar facilmente com toda a gente mas, depois destes encontros, as pessoas ficavam chocadas com o que eu dizia, e ficavam profundamente perturbadas porque eu as condenava pelos pecados que tinham cometido, uma vez que eu via o mais profundo da sua alma. Entretanto, ao ler a Palavra de Deus, dei-me conta de que a minha vida não tinha mudado absolutamente nada. Eu continuava a ser irascível, susceptível às ofensas, lento em perdoar, fácil nos ressentimentos. Tinha medo de carregar a minha cruz, medo do desconhecido que o futuro e a morte representam.

Depois de longas peregrinações e de múltiplos tormentos, Jesus guiou-me até ao Renovamento. Encontrei lá alguns irmãos que fizeram oração por mim e, então, compreendi que o que me acontecia não era de origem divina, mas fruto do Maligno. Posso testemunhar que vi o poder de Jesus. Reconheci isso e confessei os meus pecados cometidos no passado, arrependi-me, renunciei a toda a prática oculta. Esses poderes desapareceram e Deus perdoou-me; por isso eu quero dar-lhe graças.»

Não esqueçamos que a Bíblia também nos fornece exemplos de factos extraordinários idênticos, realizados por Deus e pelo demónio. Alguns dos prodígios que Moisés

realizou por ordem de Deus diante do Faraó são realizados igualmente pelos magos da corte. Eis porque, quando se trata de fenómenos deste género, não basta ter em conta o facto em si: é preciso colocá-lo no seu contexto para determinar a causa.

Devo acrescentar que acontece, muitas vezes, as pessoas atingidas por distúrbios maléficos possuírem uma «sensibilidade» particular: apreendem imediatamente se uma pessoa tem negatividades, predizem acontecimentos futuros, têm uma tendência muito clara para querer impor as mãos sobre indivíduos psiquicamente frágeis. Têm por vezes também a impressão de poder influir em assuntos do seu próximo, desejando-lhe mal com uma maldade que está neles próprios, quase com prepotência.

Constatei que é preciso opor-se e vencer todas estas inclinações, para poder obter a cura.

Os exorcismos

«Aqueles que acreditarem, em meu nome expulsarão os demónios...» (Mc 16,17): este poder que Jesus concedeu a todos os que crêem ainda permanece válido. É um poder geral baseado na Fé e na oração. Pode ser exercido individualmente ou na comunidade. É sempre possível e não requer nenhuma autorização. Fazemos aqui uma precisão de terminologia: neste caso trata-se de *orações de libertação*, não de exorcismos.

A fim de reforçar a eficácia deste poder conferido por Cristo, e de proteger os fiéis contra os charlatães e os mágicos, a Igreja instituiu um sacramental – o exorcismo – que só pode ser ministrado pelos bispos, ou pelos sacerdotes que tenham recebido dos bispos uma licença específica (portanto *nunca pelos leigos*). É o que estabelece o direito canónico (can. 1172) lembrando-nos igualmente como os sacramentais são apoiados pela força das orações de impetração da Igreja, diferentes das orações privadas (can. 1166), e deve ser administrado respeitando escrupulosamente os ritos e as fórmulas aprovadas pela Igreja (can. 1167).

A designação de exorcista só se aplica, portanto, aos sacerdotes autorizados e aos bispos exorcistas (se os houver!). É um nome inflacionado. Assiste-se actualmente a uma inflação neste domínio e fala-se de exorcistas «a torto e a direito». Muitos sacerdotes e leigos dizem-se exorcistas embora não o sejam. E há muitas pessoas que afirmam fazer exorcismos, embora só façam orações de libertação, e até

por vezes o que fazem é magia... *Só é exorcismo o sacramental instituído pela Igreja.*

Esta denominação, em qualquer outro caso, é, segundo o meu ponto de vista, muito equívoca e pode desorientar. É correcto chamar *exorcismo simples* ao que está inserido no Baptismo e *exorcismo solene* ao Sacramental reservado aos exorcismos. É assim que se exprime o Novo Catecismo. Parece-me incorrecto qualificar de exorcismo privado ou vulgar uma oração que não é verdadeiramente um exorcismo, mas simplesmente uma *oração de libertação*, e que, por isso, só deve ser denominada assim.

O exorcista deve-se orientar pelas orações do Ritual. O exorcismo apresenta uma diferença em relação aos outros sacramentais: pode durar apenas alguns minutos ou prolongar-se por algumas horas. Portanto, não é necessário rezar todas as orações do Ritual e podem acrescentar-se muitas outras, conforme o próprio Ritual sugere.

O exorcismo visa um duplo objectivo: propõe-se libertar os possessos. Este aspecto é evidenciado em todos os livros dedicados a este assunto. Mas, antes de tudo, tem a finalidade de diagnosticar o mal. Esta finalidade, no entanto, muitas vezes é ignorada. É verdade que antes de actuar, o exorcista interroga a pessoa que sofre ou os seus familiares a fim de determinar se existem condições para administrar o exorcismo. Mas é igualmente verdadeiro que *só mediante o exorcismo* se pode saber com exactidão se existe uma intervenção diabólica ou não. Todos os fenómenos que se produzem, ainda que sejam estranhos ou aparentemente inexplicáveis, podem, com efeito, ter uma explicação natural. Mesmo a associação dos fenómenos psiquiátricos e parapsicológicos não é suficiente para estabelecer um diagnóstico. Só por meio do exorcismo é que se pode ter a certeza de estar perante uma intervenção diabólica ou não.

Neste ponto é necessário aprofundar um pouco mais um assunto que, infelizmente, não é sequer mencionado no

Ritual e que é desconhecido daqueles que escreveram sobre esta questão.

Como já afirmámos, o exorcismo tem, sobretudo, um efeito de diagnóstico, quer dizer, permite verificar se os distúrbios de um indivíduo têm uma origem maléfica e se na verdade existe uma presença maléfica na pessoa. Para seguir uma ordem, a primeira operação a fazer-se é esta, embora o principal objectivo do exorcismo consista em libertar a vítima duma presença maléfica ou de perturbações maléficas. No entanto, é essencial ter em conta esta sequência lógica (primeiro o diagnóstico e em seguida a cura) a fim de avaliar correctamente *os sinais* com base nos quais o exorcista se deve fundamentar. Podemos afirmar que os sinais verificados *antes, durante e depois* do exorcismo, assim como a evolução dos sinais *no seguimento* dos diferentes exorcismos, são dados muito importantes.

Parece-me que o Ritual, ainda que o faça de forma indirecta, concede uma certa importância a esta sucessão, uma vez que dedica uma norma (n.º 3) a prevenir o exorcista de que uma presença demoníaca não se revela facilmente; dedica várias regras com vista a prevenir o exorcista dos diferentes truques empregues pelo demónio para esconder a sua presença. Nós, os exorcistas, pensamos que é justo e importante ter o cuidado de não nos deixarmos levar pelas ciladas dos doentes mentais, dos maníacos e de todos os que não têm nenhuma presença diabólica nem nenhuma necessidade de exorcismos. No entanto, é necessário igualmente assinalar o perigo inverso, que é cada vez mais frequente e que devemos temer: o perigo de não saber reconhecer a presença maléfica e, por consequência, não recorrer ao exorcismo quando ele é necessário. Eu, assim como todos os outros exorcistas com quem conversei, reconheço que um exorcismo a mais, mesmo sem ser necessário, nunca fez mal (todos procedemos, na primeira vez e em casos de dúvida, por meio de exorcismos bastante

breves pronunciados em voz baixa e susceptíveis de se confundir com simples bênçãos). Por isso nunca tivemos ocasião de lamentar o facto de ter utilizado o exorcismo. Pelo contrário, sentimo-nos culpados dos casos em que omitimos o exorcismo, por não termos sabido reconhecer a presença do demónio, vindo este a manifestar-se mais tarde, através de sinais evidentes, numa altura em que essa presença já estava muito mais arreigada.

Insisto, portanto, na importância e no valor dos sinais: não é necessário que sejam numerosos e indubitáveis para que se proceda a um exorcismo. Se durante o exorcismo novos sinais se manifestam, logicamente prolongar-se-á o tempo necessário, devendo contudo o primeiro exorcismo ser relativamente breve. Pode acontecer que, durante o exorcismo não se manifeste nenhum sinal, mas que o paciente indique ao exorcista que sentiu efeitos notáveis (geralmente benéficos). Então o exorcista decide repetir o exorcismo; e, se estes efeitos persistem, acontece, seguramente, que mais tarde ou mais cedo também se manifestam sinais durante o exorcismo. É muito útil observar a evolução dos sinais à medida que se efectuam os vários exorcismos. Uma baixa progressiva desses sinais corresponde a um início de cura, enquanto que uma manifestação crescente, revestindo formas totalmente imprevisíveis, significa que está a aflorar o mal que estava escondido e que, só quando aflorar totalmente, é que começará a retroceder.

Compreende-se então agora como é errado pensar que um exorcismo não se pode fazer senão em presença de sinais evidentes de possessão. Contudo, também é fruto de total inexperiência pensar que estes sinais se manifestam antes do exorcismo, uma vez que, na maior parte das vezes, eles não aparecem senão durante ou no fim dum exorcismo, ou até mesmo depois de uma série de exorcismos. Tive casos em que foram necessários anos de exorcismo para que o mal se revelasse em toda a sua gravidade. É inútil

querer classificar os diferentes casos segundo modelos *standard*. Todo aquele que tem uma grande experiência neste domínio sabe, certamente, que as manifestações demoníacas revestem formas muito variadas. Por exemplo, eu e todos os exorcistas com quem falei compreendemos um facto significativo: os três sinais indicados no Ritual como sintomas da possessão – *falar línguas desconhecidas, possuir uma força sobre-humana, conhecer coisas ocultas* – são sempre manifestações *durante* os exorcismos e nunca *antes*. Teria sido completamente inútil esperar que estes sinais se manifestassem para poder proceder aos exorcismos.

Acrescentemos que nem sempre é possível estabelecer um diagnóstico seguro. Há casos que nos deixam perplexos; os casos mais difíceis de resolver são aqueles em que nos encontramos confrontados com indivíduos com problemas psíquicos e influência maléfica ao mesmo tempo. Nestes casos é extremamente útil associar a acção do exorcista à do psiquiatra. O Pe. Cândido chamou várias vezes o professor Mariani, médico chefe responsável de uma famosa clínica para doentes mentais em Roma, para assistir aos seus exorcismos. Outras vezes, foi o professor Mariani que convidou o Pe. Cândido a ir à sua clínica para examinar e, eventualmente, colaborar na cura de certos pacientes.

Faz-me rir certos pretensiosos teólogos modernos que afirmam como sendo uma grande novidade o facto de certas doenças se poderem confundir com a possessão diabólica. Certos psiquiatras ou parapsicólogos estão nas mesmas circunstâncias: pensam ter «descoberto a América» ao proferir tais afirmações. Se fossem um pouco mais instruídos saberiam que as autoridades eclesásticas foram as primeiras a pôr os teólogos de sobreaviso contra esse possível erro. Nos decretos do Sínodo de Reims de 1583, a Igreja já tinha chamado a atenção para este possível equívoco afirmando que, certas manifestações, consideradas como sinais de possessão diabólica, poderiam, com efeito, ser apenas

sintomas de doenças mentais. Nessa época, porém, a psiquiatria ainda não tinha nascido e os teólogos acreditavam no Evangelho.

Para além do diagnóstico, o exorcismo tem como objetivo curar e libertar os pacientes. É aí que se inicia um percurso muitas vezes difícil e longo. É indispensável que o sujeito colabore. E muitas vezes está impedido de o fazer; deve rezar muito e não consegue; tem de receber frequentemente os sacramentos e muitas vezes não é capaz; para chegar a um exorcista a fim de receber o sacramental tem por vezes que transpor obstáculos que parecem insuperáveis. Tem muita necessidade de ser ajudado e, em vez disso, na maior parte dos casos, não é compreendido por ninguém.

Quanto tempo é necessário para libertar uma pessoa que está sob o jugo do demónio? Ninguém pode responder a esta questão. É o Senhor quem liberta, quem age com a sua divina liberdade, tendo também certamente em conta as orações, especialmente as que lhe são dirigidas por intercessão da Igreja. Duma maneira geral, pode-se dizer que o tempo necessário à libertação depende da força inicial da possessão diabólica e do tempo que passou entre esta e o exorcismo.

Tive o caso de uma jovem de 14 anos, sob o jugo do demónio apenas há alguns dias, que parecia furiosa: dava pontapés, mordida, arranhava. Um quarto de hora de exorcismo foi o suficiente para a libertar completamente. Numa primeira fase, caiu no chão, inanimada, de tal forma que me lembrei daquela passagem do Evangelho em que Jesus libertou aquele jovem que os Apóstolos não tinham conseguido libertar. Mas no fim de alguns minutos, a rapariga recuperou os sentidos e já corria no pátio brincando com o seu irmãozinho.

Este género de casos são raríssimos ou então acontecem quando a intervenção maléfica é muito ligeira. A maior parte das vezes o exorcista enfrenta situações penosas porque,

geralmente, nunca ninguém pensa em levar uma pessoa logo ao exorcista. Vejamos um caso típico: uma criança manifesta sinais estranhos e os pais não se questionam nem dão nenhuma importância, pensando que com a idade tudo entrará na ordem. É preciso dizer que de início os sintomas são muito ligeiros. Depois, quando os fenómenos se agravam, os pais dirigem-se aos médicos: experimentam um, depois outro, sempre sem resultado. Visitou-me uma rapariga de 17 anos que já tinha estado na Clínica mais famosa da Europa. Por fim, aconselhada por um amigo ou por um «esperto» qualquer que suspeitou que não se trataria de um mal de origem natural, foi-lhe sugerido recorrer a um bruxo. A partir desse momento, o mal inicial multiplicou-se por dez. Só por acaso e aconselhada não se sabe por quem (quase nunca por um padre...) recorreu a um exorcista. Só que, entretanto, já tinham decorrido vários anos e o mal tinha-se «enraizado» cada vez mais. É por isso justamente que o primeiro exorcismo fala de «desenraizar e pôr em fuga» o demónio. Quando chega a este ponto são necessários muitos exorcismos durante vários anos, e nem sempre se chega à libertação.

Entretanto repito: o tempo está nas mãos de Deus. A fé do exorcista e do exorcizado são um factor muito importante. Ajudam também as orações do interessado, da sua família, de outras pessoas (religiosas de clausura, comunidades paroquiais, grupos de oração, especialmente aqueles grupos que fazem oração de libertação) e ajuda muitíssimo o uso dos sacramentais previstos para este efeito, usados oportunamente para os fins indicados pelas orações de bênção: água exorcizada, ou pelos menos benzida, óleo exorcizado, sal exorcizado. Para exorcizar a água, o óleo e o sal não é indispensável a intervenção dum exorcista, qualquer sacerdote o pode fazer. Mas deve procurar-se um que acredite e que saiba que estas bênçãos específicas existem no Ritual. Contam-se pelos dedos os sacerdotes que estão ao corrente

destas coisas. A maioria não as conhece e faz troça dos pedidos que lhes são feitos para este fim. Mais tarde voltaremos a estes sacramentais.

O recurso frequente aos sacramentos e uma conduta de vida conforme ao Evangelho são de uma importância capital. Pode constatar-se o poder do terço e, em geral, o recurso à Santa Virgem; a intercessão dos anjos e dos santos é muito poderosa; as peregrinações aos santuários, que muitas vezes são os locais que Deus escolheu para a libertação preparada nos exorcismos, também são de extrema utilidade. Deus ofereceu-nos variadíssimos instrumentos de graça; está nas nossas mãos fazer uso deles. Quando o Evangelho narra as tentações de Cristo por parte de Satanás, especifica que Jesus responde sempre ao demónio tomando uma frase da Bíblia. A Palavra de Deus é de grande eficácia, assim como a oração de louvor, quer seja espontânea, quer seja retirada da Bíblia: os Salmos e os cânticos de louvor a Deus.

Apesar de tudo isto, a eficácia do exorcismo supõe sempre uma grande humildade da parte do exorcista, porque se apercebe do seu nada – quem opera é Deus. Além disso, o exorcista e o exorcizado são submetidos a rudes provas de desencorajamento: os resultados palpáveis são muitas vezes lentos e fatigantes. Por outro lado, observam-se grandes frutos espirituais que ajudam em parte a compreender porque é que o Senhor permite estas provas tão dolorosas. Caminha-se na obscuridade da fé, sabendo-se que se vai em direcção à verdadeira luz.

Lembremos a importância protectora das imagens santas, tanto usadas pela própria pessoa como nos locais onde habita: na porta da casa, nos quartos, na sala de jantar ou onde a família se reúne habitualmente. A imagem santa sugere não a ideia pagã duma coisa que dá sorte, mas o conceito de imitação da figura representada e a protecção que se invoca. Acontece-me muitas vezes entrar em casas que

apresentam à entrada da porta um enorme chifre, e depois percorrer as diversas divisões para as benzer e encontrar pouquíssimas imagens de santos. É um erro grave. Lembremo-nos do exemplo de S. Bernardino de Sena que cada vez que ia a casa de alguém, persuadia as famílias a colocar sobre a porta um medalhão com a sigla do nome de Jesus (JHS, que quer dizer: *Jesus Hominum Salvator*, Jesus Salvador dos Homens).

Constatei em várias ocasiões a eficácia das medalhas que as pessoas usam com fé. Bastaria falar da Medalha Milagrosa com milhares de exemplares difundidos no mundo depois da aparição da Virgem a Sta. Catarina de Labouré (em Paris, 1830). Se falássemos das graças prodigiosas recebidas através dessa simples medalhinha, nunca mais acabaríamos. Há vários livros que mencionam estes factos em detalhe.

Um dos episódios de possessão diabólica mais conhecido, relatado em várias obras, devido à documentação histórica exacta que nos transmitiu este facto, é a que se refere aos irmãos Burner, de Illfurt (Alsácia) que foram libertados graças a uma série de exorcismos em 1869. Um dia, entre as numerosas catástrofes ocasionadas pelo demónio, virou-se a carroça que transportava o exorcista, acompanhado por um monsenhor e uma religiosa. Mas o demónio não conseguiu levar o seu projecto até ao fim porque, no momento da partida, tinha sido dada ao cocheiro, para protecção, uma medalha de S. Bento que ele tinha guardado no bolso com grande devoção.

Por fim lembro os quatro parágrafos que o Catecismo da Igreja Católica dedica aos exorcismos. Lidas em sequência, oferecem um desenvolvimento bem ordenado.

No n.º 517, falando de Cristo Redentor, recorda as suas curas e os seus exorcismos. O ponto de partida é o que Jesus fez.

No n.º 550, afirma que a vinda do Reino de Deus assina-

la o fim do Reino de Satanás e refere as palavras de Jesus: «Se Eu expulso os demónios por virtude do Espírito de Deus, é porque chegou a vós o Reino de Deus.» É esta a finalidade dos exorcismos: com a libertação dos endemoniados é demonstrada a vitória total de Cristo como o príncipe deste mundo.

Os dois parágrafos seguintes especificam a dupla utilização seguida nos exorcismos: como uma componente no Baptismo e como poder de libertação dos possessos.

No n.º 1237, recorda-se que, uma vez que o Baptismo liberta do pecado e da escravidão de Satanás, durante o ritual é pronunciado um ou mais exorcismos sobre o candidato que, explicitamente, renuncia a Satanás.

No n.º 1673, afirma-se que, com o exorcismo, a Igreja pede publicamente e com autoridade, em nome de Jesus Cristo, que uma *pessoa* ou um *objecto* sejam protegidos contra a influência do Maligno e sejam subtraídos ao seu domínio. O exorcismo tem como objectivo *expulsar os demónios* ou libertar da *influência demoníaca*.

Chamo a atenção para a importância deste parágrafo que preenche duas lacunas existentes no Ritual e no Direito Canónico. Na verdade não fala apenas em libertar as pessoas, mas também os objectos (termo genérico que pode abranger casas, animais, coisas, de acordo com a tradição). Por outro lado, aplica o exorcismo não só à possessão, mas também à influência demoníaca.

As vítimas do maligno

Perguntam-me muitas vezes se são muitas as vítimas do Maligno. Penso que a este propósito, ainda podemos citar como máxima a opinião do jesuíta francês Tonquédec, exorcista célebre: «Há um grande número de infelizes que, embora não apresentando nenhum sinal de possessão diabólica, recorrem ao ministério do exorcista para serem libertados dos seus sofrimentos: doenças rebeldes, adversidades, desgraças de todas as espécies. Os possessos são raríssimos, mas os infelizes são legiões.»

Esta observação ainda é válida se se considerar a grande diferença que há entre os verdadeiros possessos e os que procuram uma palavra segura da parte do exorcista devido à acumulação das suas desgraças. No entanto, hoje, é preciso ter em conta muitos factores novos que não existiam na época em que o Pe. Tonquédec escreveu. A minha experiência directa leva-me a afirmar que estes novos factores estão na origem do aumento considerável das vítimas do Maligno.

Em primeiro lugar analisemos a situação do mundo consumista do ocidente em que o sentido materialista e hedonista da vida fez com que muita gente perdesse a fé. Penso que, sobretudo em Itália, uma grande parte da culpa cabe ao comunismo e ao socialismo que, com as doutrinas marxistas, dominaram nestes últimos anos a cultura, a educação e o mundo do espectáculo. Em Roma, por exemplo calcula-se que só 12% dos habitantes vão à Missa ao Domingo. É matemático: onde a religião se cala, cresce a su-

perstição. Daí a difusão, especialmente entre os jovens, da prática do espiritismo, da magia e do ocultismo. E ainda o yoga, o zen e a meditação transcendental: tudo práticas fundamentadas na reencarnação, na dissolução da pessoa humana na divindade, ou pelo menos em doutrinas inaceitáveis para um cristão. Já não se torna necessário ir à Índia para seguir os ensinamentos de um guru: eles encontram-se em todas as esquinas. Estes métodos aparentemente inofensivos conduzem muitas vezes a estados de alucinação ou de esquizofrenia. Juntemos a isto a nociva proliferação das seitas, algumas das quais declaram abertamente a sua obediência a Satanás.

A magia e o espiritismo são incentivados por intermédio da televisão. Encontram-se mesmo livros especializados nos quiosques, e o material para a prática da magia é difundido, podendo até ser vendido por correspondência. Acrescente-se ainda os jornais e os espectáculos de horror em que ao sexo e à violência se alia mesmo um sentido de perfídia satânica e a difusão de certas músicas de massas que invadem o público até à obsessão. Faço aqui muito particularmente referência ao rock satânico ao qual Piero Mantero consagrou a sua obra intitulada *Satana e lo Stratagemma della Coda* (Edições Segno, Udine, 1988). Convidado a falar em várias escolas superiores, ele fez referência à espectacular incidência que estes veículos de Satanás têm sobre os jovens. É incrível observar até que ponto diversas formas de espiritismo e de magia se espalharam dentro das universidades e das escolas. O mal generalizou-se mesmo nos pequenos centros.

É-me impossível deixar no silêncio o facto de muitos homens de Igreja se desinteressarem totalmente destes problemas, deixando os fiéis expostos e sem a mínima defesa. Acho que foi um erro eliminar quase totalmente os exorcismos do rito do Baptismo (e parece que o próprio papa Paulo VI também era desta opinião); acho um erro ter-se supri-

mido, sem a substituir, a oração a S. Miguel Arcanjo que se rezava no fim de todas as Missas. Acho sobretudo uma falta imperdoável – e refiro-me aos bispos – o facto de terem deixado extinguir toda a pastoral relativa aos exorcismos: cada diocese deveria ter, pelo menos, um exorcista na sua sé catedral e devia haver um nas Igrejas mais frequentadas e nos santuários. O exorcista hoje é considerado um ser raro, quase impossível de encontrar, embora a sua actividade tenha um valor pastoral indispensável uma vez que apoia a pastoral dos que pregam, dos que confessam, dos que administram os outros sacramentos.

A hierarquia católica deve confessar o seu *mea culpa*. Eu conheço muitos bispos italianos, mas não conheço nenhum que tenha feito exorcismos ou assistido a exorcismos e que esteja realmente consciente deste problema. Não hesitaria em repetir aquilo que já declarei noutras ocasiões: se um bispo, depois de uma série de pedidos (não feitos por um desequilibrado, claro), não procede pessoalmente ao exorcismo ou não delega num padre para o fazer, comete um grave pecado de omissão. Assim, encontramos-nos na condição de ter *perdido a escola*: antigamente o exorcista com prática instruí o exorcista aprendiz. Mas voltarei depois a este ponto.

Este tema voltou a ser alvo de atenção, graças ao cinema. Em 2 de Fevereiro de 1975, a Rádio Vaticano entrevistou William Friedkin, realizador do filme *O Exorcista*, e o teólogo jesuíta Thomas Bemingan, conselheiro técnico. O realizador afirmou ter querido contar uma história inspirando-se num romance cujo tema se baseava num facto real ocorrido em 1949, mas preferiu não se pronunciar sobre a questão de saber se se tratava ou não de uma verdadeira possessão diabólica, contentando-se em dizer que isso era um problema para os teólogos, e não para ele.

Quando perguntaram ao padre jesuíta se esta obra era um simples filme de terror ou qualquer coisa doutra natureza,

este não hesitou em optar pela segunda hipótese. Fundamentando-se no enorme impacto que o filme teve sobre o público do mundo inteiro, afirmou que, com excepção de alguns detalhes espectaculares, o filme tratava do problema do mal com muita seriedade. Além disso reavivou o interesse pelos exorcismos, que estavam muito votados ao esquecimento.

Para além das ciladas normais, como é o caso das tentações que atingem toda a gente, como se pode cair nas ciladas extraordinárias armadas pelo demónio? Pode cair-se nelas consciente ou inconscientemente, isso depende dos casos. Existem pelo menos quatro causas essenciais: porque Deus o permite; porque se é vítima de um malefício; porque se vive em estado grave e endurecido de pecado; porque se frequenta locais ou se está com pessoas maléficas.

1 – *Porque Deus o permite.* Sejamos claros: nada acontece sem a permissão de Deus. Por outro lado, claro que Deus nunca quer o mal, embora o permita quando somos nós a querê-lo (Ele criou-nos livres), e sabe tirar o bem até do mal. Neste primeiro caso, não há qualquer culpa humana, mas unicamente uma intervenção diabólica. Conforme Deus permite habitualmente a acção normal de Satanás (as tentações), dando-nos a todos as graças para resistir a ela e tirando daí méritos, se formos fortes, também pode permitir, algumas vezes, a acção extraordinária de Satanás (posseção ou perturbações maléficas) a fim de exercitar o homem na humildade, na paciência e na mortificação.

Podemos lembrar duas situações já mencionadas: quando há uma acção externa do demónio que provoca sofrimentos físicos (tais como as pancadas e as flagelações sofridas pelo St.º Cura d'Ars ou pelo Pe. Pio); ou quando é autorizada uma verdadeira infestação, como dissemos a propósito de Job e de S. Paulo.

A vida de numerosos santos apresenta exemplos deste tipo. Entre os da nossa época, cito dois beatificados por

João Paulo II: o Pe. Calabria e a irmã Maria de Jesus Crucificado (a primeira árabe beatificada). Embora em nenhum dos casos tivesse havido culpa humana (nem por faltas cometidas pelos próprios nem por malefícios feitos por outros) tiveram períodos de verdadeira e confirmada possessão diabólica, durante os quais estes dois bem-aventurados disseram e fizeram coisas contrárias à sua santidade, sem que fossem minimamente responsáveis por tal, pois era o demónio que agia servindo-se dos seus membros.

2 – *Porque se é vítima de um malefício.* Igualmente, neste caso a culpa não é da parte de quem é vítima deste mal. No entanto, há uma participação humana, ou seja, uma culpa humana da parte daquele que faz ou manda fazer o malefício a um bruxo. Falaremos disso mais em pormenor num capítulo posterior. Por agora será suficiente dizer que o malefício consiste em *prejudicar alguém através da intervenção do demónio*. Pode revestir diferentes formas: amaração, mau olhar, maldição... Mas confirmamos que o meio mais utilizado é a bruxaria, (o chamado «trabalho») e que esta é responsável pela maioria dos casos de possessão ou outras perturbações maléficas. Na verdade não sei como é que conseguem justificar-se os eclesiásticos que afirmam não acreditar em bruxarias e ainda tenho mais dificuldade em compreender em que medida é que podem socorrer os fiéis que lhes aparecem incomodados com estes males.

Algumas pessoas admiram-se que Deus permita tais coisas. Deus criou-nos livres e nunca renega as suas criaturas, mesmo as mais perversas. No fim faz as suas contas e dá a cada um o que merece, porque cada homem será julgado segundo as suas obras. Entretanto, podemos usar bem a nossa liberdade e receber méritos por isso, ou podemos usá-la mal e ter culpas. Podemos ajudar os outros ou prejudicá-los através de inúmeras formas de mal, sendo o mais grave o de pagar a um assassino para que mate uma pessoa. Deus não age para o impedir. Pode também pagar-se a um

bruxo ou a um feiticeiro para que ele faça um malefício a uma pessoa. Neste caso também não está previsto que Deus o impeça, ainda que na realidade o faça muitas vezes. Por exemplo quem vive na graça de Deus e reza com fervor está muito mais protegido do que aquele que não pratica ou, pior ainda, que vive habitualmente em estado de pecado.

Digamos que, como já tivemos ocasião de repetir, o domínio das bruxarias e dos outros malefícios constitui o paraíso dos vigaristas. Reina a mentira e a verdade é a excepção. Terreno de predilecção dos vigaristas, este sector também atrai muito as pessoas sugestionáveis e as mentes fracas. Por isso é importante que o exorcista assim como todas as pessoas de bom senso se mantenham atentas.

3 – *Porque se vive em estado grave e endurecido de pecado.* Abordemos a causa que infelizmente no tempo em que vivemos está num crescendo e em consequência disso está também num crescendo o número de pessoas vítimas do demónio. No fundo *o verdadeiro motivo é sempre a falta de fé.* Quanto mais a fé diminui, mais a superstição aumenta: é um fenómeno por assim dizer matemático. Creio que o Evangelho nos propõe um exemplo emblemático na figura de Judas. Era ladrão. Não se imagina quantos esforços fez Jesus para o corrigir e o pôr no bom caminho, obtendo sempre recusas e obstinação nesse vício, chegando mesmo ao cúmulo de perguntar: «Quanto me pagareis se vo-lo entregar? E eles prometeram-lhe trinta moedas de prata» (Mt 26,15). E pode ler-se esta frase terrível, durante a Ceia: «E então, Satanás entrou nele» (Jo 13,27). Trata-se sem sombra de dúvida, de uma verdadeira possessão diabólica.

No estado actual de desmembramento das famílias, atendi casos em que as vítimas eram pessoas que tinham uma vida matrimonial desordenada, além de outras faltas. Recebi mulheres que, além de outros, tinham cometido várias vezes o crime do aborto. Tive casos de pessoas que além de

perversões sexuais aberrantes, se tornaram culpadas de actos de violência. E tive também vários casos de homossexuais que se drogavam e que caíram noutras ciladas ligadas à droga. Parece-me quase desnecessário dizer que, em cada caso, o caminho da cura só se inicia através duma conversão sincera.

4 – *Porque se frequenta locais ou se está com pessoas maléficas.* Nesta expressão abranjo a prática ou a assistência a sessões de espiritismo, de feitiçaria, a cultos satânicos ou seitas satânicas (em que as missas negras constituem o ponto culminante), a prática do ocultismo... a procura de adivinhos, bruxos, cartomantes... são tudo práticas que expõem ao perigo de incorrer num malefício. Ainda é pior quando se deseja estabelecer uma ligação com Satanás: existe a consagração a Satanás, o pacto de sangue com Satanás, a frequência de escolas Satânicas e a nomeação de sacerdote de Satanás... São práticas em que, infelizmente, se tem notado um aumento, mesmo uma explosão, especialmente neste últimos quinze anos.

No que se refere à procura de bruxos e similares, há um exemplo muito frequente. Uma pessoa sofre de um mal que a torna rebelde a todo o tratamento, ou então nota que em tudo o que faz sai-se mal. Pensa ter algo de maléfico que a bloqueia. Dirige-se, então, a um cartomante ou bruxo que lhe diz: «Fizeram-lhe um *bruxedo*». Até aqui os gastos são poucos e o perigo nulo. Porém, logo a seguir, o seu interlocutor prossegue nestes termos: «Se você quiser eu liberto-o e isso fica-lhe em 500 euros» e por vezes ainda mais. Nos muitos casos de que tive conhecimento o valor máximo exigido atingiu os 25 000 euros. Se a proposta é aceite, o bruxo ou o cartomante pedem ao cliente que lhe entregue qualquer coisa pessoal: uma fotografia, uma roupa íntima, uma mecha de cabelo ou mesmo um pêlo, um fragmento de unha. Neste momento o mal está feito. Que faz o bruxo, com os objectos que pediu? É claro, faz magia negra.

Devo fazer referência a uma coisa: muitas pessoas caem nisso porque sabem que certas senhoras de virtude «estão sempre na igreja» ou porque vêem o consultório dos bruxos atafalhados de crucifixos, de Nossas Senhoras, de santinhos, de retratos do Pe. Pio. Asseguram-lhes entretanto: «Eu só faço magia branca; quando me pedem para fazer magia negra, recuso.» Habitualmente há a ideia de que a magia branca consiste em desfazer malefícios e a magia negra em fazê-los. Mas na verdade, conforme o Pe. Cândido se fartava de repetir, não há magia branca ou negra: só existe magia negra. Porque toda a forma de magia (bruxaria) recorre ao demónio. De modo que, se o infeliz de início sofria de um pequeno problema maléfico (mas o mais provável é que nunca o tivesse tido), ele volta para casa com um verdadeiro e grave malefício. Nós, os exorcistas, temos muitas vezes que utilizar mais esforços para diminuir a obra nefasta dos bruxos do que para tratar o problema inicial.

Devo acrescentar que muitas vezes hoje, tal como antigamente, a possessão diabólica pode confundir-se com uma doença psíquica. Tenho muito apreço por estes psiquiatras que têm competência profissional e o sentido dos limites da sua ciência, e que sabem honestamente reconhecer quando um dos seus pacientes apresenta sintomas que não se enquadram nas doenças reconhecidas cientificamente. O Professor Simone Morabito, psiquiatra em Bergamo, afirmou ter provas de que um grande número de doentes apelidados de doentes psíquicos eram na realidade possuídos de Satanás, e conseguiu curá-los com a ajuda de alguns exorcistas (ver *Gente*, n.º 5, 1990, pp. 106-112).

Conheço mais casos semelhantes mas quero analisar um deles em particular.

No dia 24 de Abril de 1988, João Paulo II beatificou o Pe. Francisco Palau, um carmelita espanhol. É uma figura muito interessante para nós porque Palau dedicou os últi-

mos anos da sua vida aos possessos. Adquiriu um hospício onde acolhia os doentes mentais. Exorcizava-os a todos: os que eram possessos curavam-se; os que eram doentes, doentes continuavam. O clero colocou imensos obstáculos à sua acção, claro. Por causa disso teve que ir duas vezes a Roma: em 1866, para falar acerca disso com Pio IX, e em 1870, a fim de obter do Concílio Vaticano I o restabelecimento do ministério de exorcista no seio da Igreja como ministério permanente. Sabemos de que forma este Concílio foi interrompido, mas a exigência do restabelecimento deste serviço pastoral continua urgente.

Sem dúvida que é muito difícil distinguir um endemoniado de um doente psíquico. Contudo um exorcista experimentado está mais apto a distinguir esta diferença do que um psiquiatra, porque o exorcista tem presente as várias possibilidades e sabe reunir elementos que lhe permitem fazer essa distinção. Na maior parte das vezes, o psiquiatra não acredita na possessão diabólica, por isso não tem sequer em conta essa eventualidade. Há bastantes anos, o Pe. Cândido exorcizava um jovem que, segundo o psiquiatra que o tinha seguido, sofria de epilepsia. Este médico aceitou vir assistir a um exorcismo. Logo que o Pe. Cândido pousou a mão sobre a cabeça do jovem, este caiu por terra, como acontece nas convulsões. «Vê padre, trata-se com toda a evidência de um caso de epilepsia», apressou-se o médico a dizer. O Pe. Cândido inclinou-se e voltou a pôr a mão sobre a cabeça do jovem. Este levantou-se bruscamente e ficou de pé, imóvel. «Será que os epiléticos fazem isto?» perguntou o Pe. Cândido. «Não, nunca» respondeu-lhe o psiquiatra evidentemente perplexo perante aquele comportamento.

É inútil dizer que os exorcistas prosseguiram até à cura deste jovem, submetido, durante anos, a medicamentos e a tratamentos que só tinham agravado o seu estado. E o ponto delicado está precisamente aí: nos casos difíceis, o diagnós-

tico requer um estudo interdisciplinar como veremos em seguida. É que são sempre os doentes que pagam os erros e que muitas vezes, no fim dos tratamentos médicos não apropriados, ficam num estado lastimoso.

Aprecio imenso os sábios que, mesmo sem serem crentes, reconhecem os limites da sua ciência. O Prof. Emilio Servadio, psiquiatra, psicanalista e parapsicólogo de renome internacional, fez declarações interessantes à Rádio Vaticano em 2 de Fevereiro de 1975: «A ciência deve parar perante aquilo que os seus instrumentos não podem verificar nem explicar. Não podemos definir exactamente estes limites porque não se trata de fenómenos físicos. Mas creio que, todo o cientista digno desse nome sabe que os seus instrumentos não vão para além de um certo ponto.

No que se refere a possessão demoníaca, só posso falar em nome próprio e não em nome da ciência. Parece-me que, em certos casos, o carácter maligno e destruidor dos fenómenos atinge um nível tão específico, que é verdadeiramente impossível confundir este tipo de fenómenos com aqueles que o especialista (parapsicólogo ou psiquiatra) regista nos casos do tipo Poltergeist ou outros. «Para dar um exemplo, isso seria comparar um garoto traquina com um criminoso sádico. Há uma diferença que não se pode medir com fita métrica, mas que se pode facilmente perceber. Creio que um homem de ciência deve admitir a presença de forças que escapam ao controlo da ciência e que a ciência, como tal, não é capaz de definir.»

Apêndice

Medo do Diabo? Responde Sta. Teresa de Ávila

Contra os medos injustificados do demónio, apresentamos um extracto da vida de Sta. Teresa de Ávila (capítulo 25, 19-22). É uma passagem encorajadora, excepto se formos nós próprios a abrir voluntariamente a porta ao demónio...

«Se o Senhor é tão poderoso como eu sei e como eu vejo; se os demónios não passam de escravos, e disso a minha fé não me permite duvidar, que mal me podem eles fazer se eu sou a servidora desse Senhor e Rei? Então porque é que não me hei-de sentir suficientemente forte para enfrentar o inferno inteiro? Agarrei uma cruz entre as mãos e parecia que Deus me dava a coragem necessária. Em pouco tempo, vi-me de tal modo transformada que já não tinha medo de descer à arena para lutar contra todos eles, e gritei-lhes: "Venham cá agora que, sendo eu a servidora do Senhor, quero ver o que é que vocês me podem fazer!"

E parece que tiveram mesmo medo de mim porque me deixaram tranquila. Daí para a frente aquela angústia não me voltou a preocupar e já não tive mais medo dos demónios, a ponto de, quando eles me apareciam, como explicarei mais à frente, não só já não tinha medo deles mas tinha verdadeiramente a impressão de que eles é que tinham medo de mim. O Mestre soberano de todas as coisas deu-me sobre eles uma tal soberania que, hoje, já não me metem mais medo do que as moscas. São de tal forma cobardes

que, quando se vêem desprezados, perdem a coragem. Só atacam frontalmente os que vêem que se lhes rendem facilmente, ou então quando o Senhor o permite a fim de que, com as lutas e perseguições, os seus servidores ganhem méritos.

Agrada a Sua Majestade que só tenhamos medo daquilo de que convém ter medo, tendo presente que um só pecado venial nos prejudica mais do que o inferno inteiro. Essa é que é a verdadeira realidade.

Vocês sabem quando é que os demónios se manifestam e nos devem causar pavor? Quando nos preocupamos com as honras, os prazeres e as riquezas deste mundo. Ora nós, amando e procurando aquilo que nos devia aborrecer, pomos nas suas mãos as armas com as quais nos poderíamos defender, e incentivamo-los a combater contra nós próprios, para nossa maior perdição. Dá-me pena pensar nisto porque bastaria agarrarmo-nos firmemente à cruz e desprezar todas as coisas por amor a Deus, para que Satanás fugisse destas práticas, mais do que nós fugimos da peste. Amigo da mentira e sendo ele próprio a Mentira, o Maligno nunca se dá bem com aquele que segue o caminho da verdade. Mas se vê que o espírito está obscurecido, faz tudo o que pode para o cegar completamente. Quando ele se apercebe que uma pessoa está tão cega a ponto de se contentar com as coisas do mundo, que são tão fúteis e vãs como brincadeiras infantis, convence-se de que está a lidar com uma criança, trata-a como tal e diverte-se a atacar e a voltar a atacar.

Queira Deus que eu não seja assim mas que, apoiada pela graça, repouse quando é ocasião para repousar, honre o que é digno de honra, me alegre com o que é a verdadeira alegria e não ao contrário. Assim, poderei ser eu a mostrar os cornos a todos os demónios, que fugirão espavoridos. Não compreendo o medo dos que gritam: "demónio! demónio!" deviam era gritar: "Deus! Deus!" e assim encher o inferno de pavor. Não sabemos que os demónios não podem

nem mover-se sem a permissão de Deus? Então para que é que são vãos temores? Quanto a mim os indivíduos apavorados pelo diabo fazem-me mais medo que o próprio diabo pois este não me pode fazer nada enquanto os outros, principalmente se se trata de maus confessores, enchem a alma de inquietação. Por causa deles passei muitos anos de tormentos e ainda me admiro de ter conseguido suportar. Bendito seja o Senhor que me trouxe a sua ajuda preciosa!»

O ponto de partida

Um dia, um bispo telefonou-me a pedir que exorcizasse uma pessoa. A minha primeira resposta foi sugerir-lhe que nomeasse ele próprio um exorcista. Respondeu-me, então, que não conseguia encontrar um sacerdote que aceitasse esse encargo. Infelizmente esta dificuldade é geral. Muitas vezes os padres não acreditam nestas coisas. No entanto, se o seu bispo lhes propõe fazer exorcismos, têm logo a impressão de ter mil diabos à sua volta e recusam. Já várias vezes escrevi que se irrita mais o demónio a confessar, isto é, a arrancar as almas ao próprio demónio, do que a exorcizar, isto é, a retirar-lhe a influência sobre os corpos. E aumenta ainda mais a sua cólera ao pregar, porque a fé nasce da Palavra de Deus. É por isso que um padre que tem a coragem de pregar e de confessar não deveria ter nenhum temor de exorcizar.

Léon Bloy dirigiu palavras severas contra os sacerdotes que recusam ministrar os exorcismos. Refiro-me ao livro *Il Diavolo*, de Balducci (Piemme, p. 233): «Os sacerdotes quase nunca utilizam o seu poder de exorcistas porque lhes falta a fé e têm medo, digamos, de irritar o demónio». Não há nada mais verdadeiro. Muitos temem represálias e esquecem-se que o Maligno já nos faz todo o mal que o Senhor lhe consente: com ele, não há pactos de não-agressão! E o autor prossegue nestes termos: «Se os sacerdotes perderam a fé a ponto de já não acreditarem no seu poder de exorcistas e de não mais fazerem uso dele, isso representa uma desgraça horrível, uma atroz prevaricação que deixa os

pretensos histéricos que enchem os hospitais irreparavelmente abandonados aos piores inimigos.» Palavras duras, mas sinceras. É uma traição directa ao mandamento de Cristo.

Mas voltemos ao telefonema desse bispo. Eu disse-lhe, com toda a franqueza, que se não encontrava padre, deveria ele mesmo encarregar-se dessa missão. Ao que ele me respondeu ingenuamente: «Eu? Não saberia por onde começar.» Retorqui-lhe então, tomando a frase que o Pe. Cândido me disse quando eu comecei: «*Comece por ler as instruções do Ritual e reze as orações prescritas sobre aquele que as solicita.*»

Este é o ponto de partida. O Ritual dos exorcismos começa pela enumeração de 21 regras que o exorcista deve observar. Pouco importa se essas regras foram escritas em 1614; são directivas cheias de sabedoria, que poderão ser completadas posteriormente mas que ainda se mantêm totalmente válidas. Depois de alertar o exorcista para que à primeira vista não creia com demasiada facilidade na presença do demónio na pessoa que se lhe apresenta, há uma série de regras práticas que não só lhe permitem reconhecer se se trata de um caso de verdadeira possessão, mas também orienta o exorcista no comportamento que deve adoptar.

Mas a atrapalhação do bispo («não saber por onde começar») tem justificação. Não se improvisa um exorcista. Confiar este cargo a um padre é como se se metesse um tratado de cirurgia nas mãos de uma pessoa e em seguida lhe pedissem que fosse operar. Muitas coisas, demasiadas coisas, não figuram nos livros, só se adquirem pela prática. É por isso que me surgiu a ideia de relatar por escrito as minhas próprias experiências, orientado pela extraordinária sabedoria do Pe. Cândido, embora consciente de que ficará muito incompleto: uma coisa é ler, outra coisa é ver. No entanto escrevo aqui coisas que não se encontram em mais nenhum livro.

Na realidade ainda há outro ponto de partida. Quando alguém se apresenta ou é apresentado pelos seus parentes ou amigos para ser exorcizado, começa-se por interrogá-lo a fim de se compreender se existem ou não razões válidas para proceder ao exorcismo, estabelecendo um diagnóstico. *Começa-se portanto por estudar os sintomas que a pessoa ou os familiares denunciam e também as possíveis causas.*

Começa-se pelos males físicos. Em caso de influências maléficas, os dois pontos mais frequentemente atingidos são a cabeça e o estômago. Além das dores de cabeça agudas e resistentes aos analgésicos, nota-se por vezes, em particular nos jovens, uma rejeição brusca aos estudos: crianças inteligentes que até ali nunca tinham tido dificuldades na escola, de repente não conseguem mais estudar e a sua memória fica a zero. O Ritual menciona, como sinais suspeitos, as manifestações mais espectaculares: falar correctamente línguas desconhecidas ou compreendê-las enquanto outras pessoas as falam; conhecer coisas longínquas e secretas; demonstrar uma força muscular sobre-humana. Conforme já referi, só fui confrontado com este tipo de fenómenos durante as bênçãos (é o nome que eu sempre dou aos exorcismos) e nunca antes. Acontece muitas vezes surgirem comportamentos estranhos ou violentos. Um dos sintomas típicos é a aversão ao sagrado: pessoas que deixam de rezar, embora antes o fizessem habitualmente; que deixam de ir à Igreja e experimentam um sentimento de raiva; que blasfemam e tomam atitudes violentas perante imagens sagradas. A isto a maior parte das vezes juntam-se comportamentos anti-sociais e odiosos contra os seus familiares ou em relação aos meios que frequentam. Encontramos pois vários tipos de procedimentos estranhos.

É escusado dizer que, quando alguém se dirige a um exorcista, já fez todos os exames e já recebeu todos os tratamentos médicos possíveis. As excepções são raríssimas. Por isso o exorcista não tem qualquer dificuldade em tomar

conhecimento dos pareceres do médico, dos tratamentos efectuados, dos resultados obtidos.

O outro ponto muitas vezes atingido é a boca do estômago, precisamente abaixo do esterno. Esta região também pode ser o centro de dores lancinantes e rebeldes a todo o tratamento. Quando o mal se desloca, tem-se a certeza de estar perante um fenómeno de origem maléfica: ora dói o estômago, ora os intestinos, ora os rins, ora os ovários... sem que os médicos compreendam a causa e não obtenham o menor resultado através da administração de medicamentos.

Afirmámos que *um dos critérios de reconhecimento duma possessão diabólica é fornecido pelo facto de os medicamentos se mostrarem ineficazes*, ao contrário das bênçãos. Eu exorcizei o Marco, vítima de uma forte possessão. Tinha estado hospitalizado muito tempo e tinha saído massacrado com tratamentos psiquiátricos, incluindo choques eléctricos sem que tivesse tido a mínima reacção. Quando lhe foi prescrita uma cura de sono durante a qual lhe administraram durante uma semana soníferos capazes de pôr um elefante a dormir, não dormiu um instante, nem de dia, nem de noite. Deambulava pelos corredores da clínica, com os olhos esbugalhados, um aspecto esgazeado. Finalmente consultou um exorcista e começou imediatamente a verificar os primeiros resultados positivos.

Também a força anormal pode ser um sinal de possessão diabólica. Um louco internado num manicómio pode ser mantido imobilizado com colete de forças; um possesso não: parte tudo, até as correntes de ferro, tal como o Evangelho narra a propósito do possesso de Gerasa. O Pe. Cândido contou-me o caso de uma jovem magra e aparentemente frágil em que, durante os exorcismos, eram precisos quatro homens para a conseguir manter quieta. Partia todas as cadeiras, incluindo cintos de couro largos com os quais a tentaram amarrar. Numa ocasião em que estava atada com

grossas amarras a uma cama de ferro, partiu uma parte e dobrou a outra em ângulo recto.

Muitas vezes, o paciente (e também outras pessoas, se toda a família está envolvida) ouve barulhos estranhos, passos no corredor, portas que se abrem e se fecham, pancadas nas paredes ou nos móveis, objectos que desaparecem e que depois reaparecem nos locais mais disparatados. Eu pergunto sempre, a fim de determinar as causas destes problemas, há quanto tempo é que começaram a manifestar-se os distúrbios, se é possível relacioná-los com um facto concreto, se o interessado participou em sessões de espiritismo, se procurou cartomantes ou bruxos, e em caso afirmativo, como é que as coisas se passaram.

É possível que, por sugestão de alguém conhecedor, a almofada ou o colchão da pessoa visada tenham sido abertos e que, aí, se tenham encontrado os mais estranhos objectos: linhas de cores, tufo de cabelos, entrançados, lascas de madeira ou de metal, coroas ou fitas atadas de forma muito apertada, bonecas, figurinhas de animais, coágulos de sangue, seixos... que são sinais claros de malefício.

Quando os resultados do interrogatório levam a suspeitas de uma intervenção de origem maléfica, procede-se ao exorcismo. Vou a seguir apresentar alguns casos.

É evidente que, em todos os episódios focados, mudei os nomes assim como qualquer outro elemento susceptível de identificar as pessoas em questão. A D. Marta veio várias vezes procurar-me acompanhada de seu marido para receber a bênção. Vinham de longe e a viagem custava-lhes inúmeros sacrifícios. Marta andava a ser tratada há já vários anos por neurologistas sem que obtivesse quaisquer melhoras. Fiz-lhe algumas perguntas e vi que podia proceder ao exorcismo, ainda que ela já tivesse sido exorcizada por outros, mas sem resultado. Caiu logo por terra, aparentemente inconsciente. Enquanto eu rezava as orações de introdução, lamentava-se de vez em quando: «Quero um ver-

dadeiro exorcista, não quero esta coisa!» No início do primeiro exorcismo, que começa com as palavras «*Eu te exorcizo*», ela acalmou-se, satisfeita; estas palavras tinham ficado manifestamente gravadas nela desde os exorcismos anteriores. Depois começou a queixar-se que eu lhe estava a magoar os olhos. Todo o seu procedimento não era o de um possesso. Quando voltou nas vezes seguintes, não me soube dizer se o meu exorcismo lhe tinha produzido algum efeito ou não. Para maior segurança, um dia, antes de a mandar embora definitivamente, levei-a ao Pe. Cândido. Depois de lhe ter posto a mão sobre a cabeça, declarou-me sem hesitação que não tinha nada a ver com o demónio. O seu caso era de psiquiatria, não para um exorcista.

Pedro Luís, 14 anos, era alto e forte para a sua idade. Não conseguia estudar e fazia o desespero dos professores e companheiros, pois não conseguia estar de acordo com nenhum deles, embora não fosse violento. Apresentava a seguinte característica: quando se sentava no chão, com as pernas cruzadas (ele dizia que «fazia como os indianos»), não havia força que o conseguisse levantar; era como se ele se tivesse transformado em chumbo. Depois de vários tratamentos médicos que se mostraram ineficazes, foi levado ao Pe. Cândido. Este começou a exorcizá-lo, e reconheceu que se tratava de uma verdadeira possessão. Outra característica dele era não discutir mas, ao pé dele, as pessoas ficarem nervosas, gritarem, não dominarem os nervos. Um dia, sentou-se, com as pernas cruzadas, no patamar do seu apartamento situado no 3.º andar. Os outros moradores subiam e desciam as escadas, empurravam-no para que ele saísse dali mas ele não se mexia. A certa altura, já todos os moradores do prédio estavam na escada, nos vários patamares urrando e gritando ao Pedro Luís como possessos. Um chamou então a polícia. Os pais do jovem telefonaram ao Pe. Cândido que, chegando quase ao mesmo tempo que os polícias, pôs-se a conversar com o jovem para o convencer a entrar

em casa. Mas os policiais (três homens bem constituídos) disseram-lhe: «Afastede-se padre, isto é assunto para nós.» Quando eles tentaram tirá-lo, o Pedro Luís não se mexeu nem um milímetro. Espantados e a suar em bica, já não sabiam o que fazer. O Pe. Cândido disse então: «Os moradores que entrem nas suas casas» e, passado um instante, fez-se um silêncio total. Depois disse: «Vocês desçam agora um lance de escada e fiquem a observar». Assim fizeram. Por fim, disse ao Pedro Luís: «Foste muito valente: não disseste uma única palavra, e respeitaste-os a todos. Agora entra comigo na tua casa.» Agarrou-o pela mão e o jovem levantou-se, seguiu-o e foi ter com os pais que o esperavam. Graças aos exorcismos, Pedro Luís teve grandes melhoras mas não foi ainda totalmente liberto.

Um dos casos mais difíceis de que me recordo é o de um homem, outrora muito conhecido, a quem o Pe. Cândido deu a bênção durante muitos anos. Também fui a casa dele, dar-lhe a bênção porque ele não podia sair. Ministrei-lhe o exorcismo. Ele não disse nada (tinha um demónio mudo) e não notei nele a mínima reacção. A reacção violenta fez-se sentir depois de me ter ido embora. Acontecia sempre assim. Ele era já idoso e só foi completamente liberto precisamente a tempo de acabar serenamente a última semana da sua vida.

Uma mãe estava impressionada com o estranho comportamento de um dos seus filhos: em certas ocasiões encolerizava-se, urrava como um louco, blasfemava e, depois, quando acalmava, não se lembrava nada desse comportamento. Não rezava nem aceitava receber a bênção de um sacerdote. Um dia, enquanto o filho, que como de costume, tinha saído com o seu fato de mecânico, estava no trabalho, a mãe abençoou a roupa dele rezando pelo Ritual. Ao regressar do trabalho, o filho tirou a roupa suja e vestiu-se sem desconfiar de nada. Passados poucos segundos, tirou a roupa com fúria, rasgando-a quase, e voltou a pôr o fato de

trabalho sem dizer uma palavra. Não voltou a vestir aquela roupa benzida, distinguindo-a perfeitamente das outras peças de roupa do seu modesto guarda-roupa que não tinham sido benzidas. Este facto trouxe uma prova da necessidade de exorcizar este jovem.

Atormentados por problemas de saúde e por barulhos estranhos que ouviam em casa, especialmente a determinadas horas da noite, dois jovens irmãos recorreram às minhas bênçãos. Ao dar-lhes a bênção, notei ligeiras negatividades e aconselhei-os a frequentar os sacramentos, da oração fervorosa, e a usar os três sacramentais (água, óleo e sal exorcizados), convidando-os a vir visitar-me de novo. Através do interrogatório, apercebi-me que os seus problemas tinham aparecido no momento em que os pais tinham decidido levar para casa o avô que vivia sozinho. Era um homem que blasfemava continuamente, jurava e amaldiçoava tudo e todos. O saudoso Pe. Touraselli dizia que basta um blasfemador numa casa para arruinar uma família com presenças diabólicas. Este caso comprova isso.

Um único e mesmo demónio pode estar presente em várias pessoas. A jovem chamava-se Josefina. O demónio tinha-lhe anunciado que se ia embora na noite seguinte. Sabendo, em casos semelhantes, que os demónios mentem quase sempre, o Pe. Cândido solicitou a ajuda de outros exorcistas e exigiu a presença de um médico. A certa altura, a fim de imobilizar a endemoninhada, estenderam-na sobre uma mesa comprida. Ela esbracejou e caiu algumas vezes para o chão, mas na última fase da queda, caiu lentamente, como se uma mão a segurasse, para que não se magoasse. Depois de terem tentado, em vão, toda a tarde e até ao meio da noite, os exorcistas decidiram desistir. No dia seguinte de manhã, o Pe. Cândido estava a exorcizar uma criança de 6 ou 7 anos. O diabo presente no garoto começou a fazer troça do padre: «Trabalhaste muito esta noite mas não conseguiste nada. Fizemos por isso. Também lá estava eu.»

Ao exorcizar uma menina, o Pe. Cândido perguntou ao demónio como se chamava. «Zabulão», respondeu ele. Quando terminou o exorcismo, mandou a criança rezar diante do sacrário. Depois recebeu uma outra menina que também estava possesa, e perguntou também o nome a este demónio. A resposta foi «Zabulão». Então o Pe. Cândido perguntou: «És o mesmo que estava na outra criança? Quero um sinal. Ordeno-te em nome de Deus que voltes para a que veio primeiro.» A criança emitiu uma espécie de urro, calou-se bruscamente e ficou calma; entretanto os que lá estavam sentiram que a outra criança, a que estava a rezar, retomou aquele urro. O Pe. Cândido disse: «Volta outra vez para aqui!» A criança que estava perto dele começou a urrar, enquanto a outra se pôs de novo a rezar. Num caso como este a possessão é evidente.

Também se torna evidente perante certas respostas profundas, sobretudo se são dadas por crianças. O Pe. Cândido quis fazer perguntas complicadas a uma criança de 11 anos, depois de se ter revelado nela a presença do demónio. Perguntou-lhe: «Há sobre a terra grandes cientistas, pessoas altamente inteligentes que negam a existência de Deus e a vossa. O que é que tu dizes?» Ao que a criança respondeu imediatamente: «Altamente inteligentes? Que altíssimas inteligências! São altíssimas insipiências!» e o Pe. Cândido acrescentou, fazendo referência expressa aos demónios: «Há alguns que negam Deus conscientemente, com a sua vontade. O que é que achas disso?» A criança possesa deu um salto e disse furiosa: «Toma atenção. Lembra-te que nós quisemos reenvindicar a nossa liberdade também diante dele. Dissemos-lhe não para sempre.» O exorcista insistiu: «Explica-me e diz-me lá que sentido tem reinvindicar a sua própria liberdade diante de Deus, quando sem Ele tu és um zero, tal como me acontece a mim. É como se no número 10, o zero se quisesse separar do 1. O que é que acontecia? O que é que realizarias? Em nome de Deus ordeno-te que

respostas: O que é que fizeste de positivo? Vá, fala.» O rapazinho, cheio de rancor e de ódio, contorcia-se, babava-se, chorava de forma terrível, inconcebível para uma criança de 11 anos e dizia: «Não me faças essa acusação! Não me faças essa acusação!»

Muitas pessoas se interrogam se se pode ter a certeza de falar com o demónio. Em casos deste tipo não há qualquer espécie de dúvida. Vejamos um outro episódio.

Um dia o Pe. Cândido exorcizava uma jovem de 17 anos, provinciana, acostumada a falar em dialecto, e falando mal o italiano. Estavam também dois sacerdotes que, quando a presença de Satanás se manifestou, não paravam de fazer perguntas. Continuando a rezar as fórmulas em latim, o Pe. Cândido misturou as seguintes palavras em grego: «Cala-te, pára!». A jovem replicou-lhe imediatamente: «Porque é que me mandas calar? Diz isso antes àqueles dois que nunca mais param de me fazer perguntas!»

O Pe. Cândido fez muitas vezes perguntas ao demónio, presente em pessoas de todas as idades; mas prefere fazê-lo às crianças porque, desta forma, ainda é mais evidente, uma vez que elas não têm capacidade para dar resposta por si próprias. Nesses casos a presença do demónio é praticamente confirmada. Perguntou um dia a uma adolescente de 13 anos: «Dois inimigos, que se odiaram de morte durante toda a vida, acabaram ambos no inferno: como será lá o relacionamento entre eles, uma vez que ficarão juntos por toda a eternidade?»

Eis a resposta: «Como tu és estúpido! No inferno, cada um vive virado sobre si próprio e atormentado pelos remorsos. Não há relacionamento com ninguém; cada um encontra-se na mais completa solidão a chorar desesperadamente o mal que fez; é como um cemitério.»

As primeiras bênçãos

Convém empregar uma linguagem eufemística com este tipo de pacientes. Aos exorcismos chamo sempre *bênçãos*; às presenças do Maligno, uma vez estabelecidas, chamo *negatividades*. O facto de as orações serem em latim constitui uma vantagem, porque não se deve utilizar uma linguagem alarmista pois poderia ser contraproducente, criando sugestões enganadoras. Algumas pessoas têm a impressão de que estão sob poder do demónio; quase que podemos estar certos de que não têm nada. Para o seu espírito confuso, o facto de ser exorcizado pode tornar-se a prova segura de que têm um demónio. Então já ninguém vai ser capaz de lhe arrancar esta ideia da cabeça. Quando eu ainda não conheço bem as pessoas, insisto em dizer que dou uma bênção, mesmo que faça um exorcismo. Muitas vezes, dou apenas a bênção do Ritual para os doentes.

O Sacramental completo compreende longas orações de introdução seguidas de três verdadeiros e específicos exorcismos: são diferentes, complementares e seguem uma sucessão lógica até à libertação. Pouco me importa a época em que foram estabelecidos (1614). Eles são, indubitavelmente, fruto duma experiência directa muito longa.

Aqueles que as redigiram, experimentaram-nos bem, avaliando as repercussões que cada frase exercia sobre as pessoas endemoninhadas. Ressalve-se, no entanto, algumas pequenas lacunas que o Pe. Cândido, em conjunto comigo, se apressou a preencher. Falta por exemplo uma invocação mariana. Nós juntámo-la em cada um dos três exorcismos,

servindo-nos das palavras usadas no exorcismo de Leão XIII. Mas são apenas pormenores, uma vez que já vêm pelo menos do século IX ou X.

Já disse que o exorcismo pode durar poucos minutos ou várias horas. Quando se exorciza uma pessoa pela primeira vez, mesmo que seja notório desde o início que ela apresenta negatividades, é melhor ser-se breve: uma oração de introdução e um dos três exorcismos. Eu escolho geralmente o primeiro, que dá também a oportunidade de ministrar a Santa Unção. O Ritual não fala disso, como não fala de muitas outras coisas que nós mencionaremos, mas a experiência ensinou-nos (inspirando-nos na unção que se faz no Rito do Baptismo) que é muito eficaz o uso do óleo dos catecúmenos, pronunciando estas palavras: «*Sit nominis tui signo famulus tuus munitus*». O demónio tenta esconder-se, não ser descoberto, para evitar ser expulso. Por isso pode acontecer que nas primeiras vezes, manifeste muito pouco ou nada a sua presença. Mas depois, com a continuação, a força dos exorcismos obriga-o a pôr-se a descoberto. Existem diferentes meios de o provocar. A unção é um deles.

O Ritual não especifica a posição que o exorcista deve adoptar: alguns ficam de pé, outros sentam-se, alguns ficam à direita do posseso, outros à sua esquerda ou, então, atrás. O Ritual preconiza simplesmente que, a partir da frase «*Ecce crucem Domini*» o sacerdote deve colocar uma parte da estola no pescoço do paciente e colocar a mão direita sobre a sua cabeça. Observámos que o demónio é extremamente sensível aos estímulos dos cinco sentidos («é por aí que eu entro» disse-me um uma vez), sobretudo o da visão. Por isso, o Pe. Cândido, os seus alunos e eu, temos o hábito de colocar dois dedos levemente sobre os olhos da pessoa e levantar as pálpebras em determinados momentos da oração. Em caso de presença maléfica, os olhos quase sempre estão completamente revirados; distingue-se facilmente. Às

vezes, é necessária a ajuda da outra mão para saber para que lado estão as pupilas: se para cima se para baixo.

A posição das pupilas é significativa no que se refere ao género de demónios e aos distúrbios com que se é confrontado. Em muitos interrogatórios os demónios são classificados segundo uma dupla divisão inspirada no capítulo 9 do Apocalipse: se as pupilas estão para cima, trata-se de *escorpiões*, se estão para baixo, trata-se de *serpentes*. Os escorpiões têm por chefe Lúcifer (nome extrabíblico, mas profundamente enraizado na tradição), e as serpentes têm por chefe Satanás que dá ordens também a Lúcifer (contudo poderia ser o mesmo demónio) e a todos os demónios. Gostaria de frisar que na Bíblia a palavra «diabo» não tem um sentido genérico como demónio, mas indica sempre e só Satanás. O outro nome de Satanás é Belzebu. Para muitos, Lúcifer é sinónimo de Satanás. Não aprofundarei a questão. Segundo a minha experiência pessoal, trata-se de dois demónios diferentes.

Os demónios não gostam muito de falar: é preciso forçá-los e só falam nos casos mais graves, isto é, naqueles de verdadeira possessão. Por vezes mostram-se espontaneamente muito palradores: é um truque destinado a distrair o exorcista para o impedir de conseguir a concentração necessária e também para não responderem às perguntas necessárias quando são interrogados. Na altura do interrogatório é muito importante restringir-se às regras do Ritual: não fazer perguntas inúteis ou de simples curiosidade, mas perguntar o nome, se há outros demónios e, em caso afirmativo, quantos, quando e como é que o Maligno entrou nesse corpo e quando é que sairá. Se a presença do demónio tem origem num malefício, pergunta-se em que moldes é que esse malefício foi feito. Se a pessoa comeu ou bebeu substâncias maléficas, deve vomitá-las. Se algum bruxedo foi escondido, é preciso fazê-lo dizer onde se encontra para o queimar, tomando as devidas precauções.

Durante o desenrolar dos exorcismos se existe uma presença maléfica, esta manifesta-se lentamente, umas vezes, outras vezes, em explosões bruscas. O exorcista vai avaliando a força e a gravidade do mal: se se trata de uma *possessão*, de uma *vexação* ou de uma *obsessão*; se o mal é de fraca amplitude ou está profundamente enraizado. É difícil encontrar textos que forneçam explicações claras acerca desta matéria. Pessoalmente utilizo o seguinte critério: se uma pessoa, no decorrer dos exorcismos (note-se que é este o momento em que o demónio é mais forçado a manifestar-se, constringido pela força do exorcismo; embora possa também atacar a pessoa noutras ocasiões, geralmente fá-lo de modo menos grave), entra completamente em *transe*, de modo que, quando fala, é o demónio que se exprime através da boca dela, se quando ela se debate é o demónio que se serve dos seus membros e no fim do exorcismo ela não se lembra de nada do que aconteceu, então trata-se de uma *possessão diabólica*, isto é, a pessoa alberga um demónio que age por vezes com os membros dela. Por outro lado, se um indivíduo, durante os exorcismos, apresenta certas reacções que revelam um ataque demoníaco, não perde completamente o conhecimento e no fim se lembra, mesmo que seja vagamente, do que fez ou ouviu, trata-se então de uma *vexação diabólica*: não é um diabo que se estabeleceu de forma permanente dentro do corpo da pessoa, mas é um diabo que, de tempos a tempos, a assalta e provoca nela distúrbios físicos e psíquicos. No entanto, as coisas nem sempre se passam assim.

Não me alongarei sobre a terceira forma (além da *possessão* e da *vexação*), a *obsessão diabólica*, que se manifesta por pensamentos obsessivos, invencíveis, que atormentam sobretudo durante a noite, mas muitas vezes atormentam também de forma permanente. Tenhamos em conta que o tratamento é o mesmo em todos os casos: oração, sacramentos, jejum, vida cristã, caridade e exorcismos.

Prefiro mencionar alguns distúrbios de carácter geral que possam ser indício de uma causa maléfica, mesmo que não seja sempre esse o caso. Não são suficientes para determinar um diagnóstico, mas podem ajudar a formulá-lo.

As negatividades, isto é, os demónios, têm tendência a atacar o homem em *cinco pontos*, de modo mais ou menos grave, segundo a gravidade da causa: ao nível da saúde, da vida afectiva, dos negócios, do gosto de viver e do desejo de morrer.

Ao nível da *saúde*, o Maligno tem o poder de causar distúrbios físicos e psíquicos. Já fiz alusão aos dois males mais vulgares que afectam a cabeça e o estômago. Estes geralmente são males estáveis. Há outros que são passageiros e muitas vezes só se manifestam durante o exorcismo (arro-tos, arremessos, convulsões...). O Ritual sugere fazer o sinal da cruz sobre eles e aspergi-los com água benta. Pude também verificar muitas vezes a eficácia de os cobrir simplesmente com a estola e impor sobre eles as mãos. Já recebi muitas vezes mulheres aflitas com a ideia de terem de ser operadas a quistos nos ovários: pelo menos era o diagnóstico preconizado em vista das dores e das ecografias. Depois da bênção, as dores cessavam e uma nova ecografia já não revelava nenhum quisto e não se falava mais em operação. Ao Pe. Cândido surgiram-lhe pessoas com doenças graves que desapareceram depois das suas bênções, até tumores na cabeça, cuja existência já tinha sido confirmada pelos médicos. Evidentemente que isto só acontece a pessoas que têm negatividades e em relação às quais há razões para se suspeitar que o mal provém do Maligno.

Ao nível da *vida afectiva*, o Maligno pode provocar um estado de irritação incontrolável, sobretudo contra as pessoas que mais se ama. Assim, ele desfaz casamentos, rompe noivados, provoca discussões acompanhadas de urros e gritaria no seio de famílias em que realmente todos se querem bem uns aos outros; e isto sempre por motivos fúteis.

Ele destrói as amizades, dá a impressão, à pessoa visada, de que já não é bem aceite em parte nenhuma, e que as pessoas a evitam, devendo isolar-se de toda a gente. Incompreensão, ausência de amor, completo vazio afectivo, impossibilidade de se casar. O caso seguinte é também extremamente frequente: cada vez que se inicia uma relação de amizade susceptível de se transformar num caso amoroso, ou mesmo quando alguém se declarou abertamente, tudo desaparece bruscamente como o fumo, sem razão alguma.

Ao nível dos *negócios*, a presença maligna revela-se na impossibilidade de encontrar trabalho, mesmo quando se tem quase a certeza de ter vaga, não se encontrando motivos ou encontrando-se motivos absurdos; ou então, as pessoas que encontram efectivamente um trabalho, abandonam-no em seguida por razões estúpidas, e, quando lhes surge outra oportunidade, não comparecem ou deixam igualmente esse emprego com uma facilidade que parece aos familiares uma inconsciência ou anormalidade. Conheci famílias abastadas que caíram na maior miséria por motivos humanamente inexplicáveis. Foi o caso, por exemplo de importantes industriais, cujos negócios começaram súbita e inexplicavelmente a andar à deriva; ou então, grandes empresários que, de repente, começaram a fazer erros crassos que lhes causaram um montão de dívidas; ou ainda comerciantes que geriam armazéns muito afreguesados que, sem mais nem menos, começaram a ver as suas lojas desertas. Em resumo, foram casos que aconteceram relacionados com a impossibilidade de encontrar qualquer espécie de trabalho ou com o facto de passar de uma situação económica normal para uma situação de miséria, dum trabalho intenso à inactividade. E sempre sem razões válidas.

Ao nível do *gosto de viver*. Parece lógico que os problemas físicos, o isolamento afectivo e as dificuldades económicas originem um tal pessimismo que não se consegue ver senão o lado negativo da vida. Surge, então, uma espécie de

incapacidade para o optimismo ou, pelo menos, para a esperança; a vida parece completamente negra, insuportável, sem a possibilidade de novos projectos.

Ao nível do *desejo de morrer*. Este é o objectivo final do Maligno: conduzir ao desespero e ao suicídio. E devo especificar que, quando alguém fica sob a protecção da Igreja mesmo com uma única bênção, este ponto é eliminado. A pessoa tem a impressão de reviver o que o Senhor disse ao demónio a propósito de Job: «Pois que seja! Disse Javé a Satanás, podes dispor dele, mas contudo respeita a sua vida» (Job 2,6). Poderia contar uma série de episódios em que o Senhor salvou algumas pessoas do suicídio, por intervenção miraculosa.

São muitas as pessoas que, quando eu exponho estes cinco pontos, se sentem profundamente tocadas, embora haja graus de gravidade diferentes. Não me cansarei de repetir que estes casos podem resultar duma presença maléfica, mas também podem ter outras causas. Por si só não são suficientes para concluir que uma pessoa está infestada ou possesa do Maligno.

Sobre o quinto ponto, o desejo de morrer e a tentativa de suicídio, uma vez que é o aspecto mais grave, gostaria de citar pelo menos dois exemplos.

Ocupei-me do caso de uma enfermeira diplomada que, em fase de crise aguda e já não aguentando mais, fez um raciocínio completamente incorrecto. Tendo de fazer uma transfusão de sangue, pensou: «Eu injecto um outro grupo sanguíneo, o doente morre, vou presa e assim refugio-me na prisão». Pôs o seu projecto em prática, completamente segura de ter utilizado um outro grupo sanguíneo para a transfusão. Depois, refugiou-se no seu quarto e esperou que a viessem prender. Mas as horas foram passando e nada. A transfusão desenrolou-se muito bem (ignora-se como), e a enfermeira já não pensava em mais nada senão em se arrepender da sua estupidez.

João Carlos, um belo jovem de 25 anos, parecia cheio de vida e em perfeita saúde. Entretanto tinha um «hóspede» que o atormentava horivelmente. Os exorcismos proporcionavam-lhe um pouco de alívio, mas não o suficiente. Uma noite tentou pôr fim à vida, como já tentara fazer outras vezes. Caminhou ao longo das linhas duma importante estação de caminho-de-ferro, e quando chegou a uma curva larga, estendeu-se atravessado sobre os carris de uma das duas linhas. Conseguiu manter-se nesta posição insuportável durante 4 ou 5 horas porque se meteu num saco-cama de pêlo. Passaram vários comboios nos dois sentidos mas todos na outra linha. E nenhum maquinista ou ferroviário se apercebeu da sua presença. Isto aconteceu de facto. É-me impossível encontrar uma explicação natural.

Perguntei ao Pe. Cândido se, no decurso da sua longa experiência, algumas pessoas a quem ele tinha dado a bênção tinham falecido. Disse-me não ter conhecimento senão dum único caso que me relatou. Uma jovem de Roma, já reduzida a um estado lamentável por causa de uma possessão completa da parte do Maligno, tinha começado a visitá-lo para ser exorcizada. Embora registasse algumas melhoras, tinha sempre muita dificuldade em resistir à tentação do suicídio. A mãe, um dia, foi visitar o Pe. Cândido, pois acreditava que a filha estava «obcecada» e dirigia-lhe constantemente acusações. Ela ouvia as explicações do Pe. Cândido, parecia convencida mas, na realidade, não estava. Um dia, quando a filha lhe falava acerca das suas contínuas tentações de se suicidar, esta mãe, indigna, fez-lhe uma das suas cenas habituais: «Tu és uma obcecada, não fazes nada de jeito nem sequer te sabes matar. Tenta então a ver se és capaz!» e ao dizer estas palavras abriu a janela de par em par. A jovem atirou-se e morreu. Este é o único caso de suicídio com um dos seus pacientes que o Pe. Cândido tem a lamentar. Mas é mais que evidente a culpa da mãe, que já

tinha culpas anteriores pelo estado em que a filha se encontrava.

Antes falámos da duração dos exorcismos e da impossibilidade de prever o tempo necessário à obtenção da libertação. A colaboração activa da pessoa é essencial mas, por vezes, mesmo assim, só se obtêm melhoras e não a cura. O Pe. Cândido um dia estava a exorcizar um rapaz grande e forte, daqueles que fazem suar um exorcista porque requerem também um enorme esforço físico. Por vezes tem-se a impressão de travar uma luta a valer. Desde o início o adolescente tinha dito ao padre: «Não sei se é boa ideia exorcizar-me hoje, tenho a impressão de que o vou magoar.» Com efeito, travou-se um verdadeiro combate, sem que se pudesse prever quem iria vencer. Depois, de repente, o jovem caiu seguido pouco depois pelo Pe. Cândido que caiu por cima dele. Disse-me sorrindo: «Se alguém tivesse entrado naquele momento não teria percebido qual de nós os dois é que era o exorcista ou o possesso.» O padre recompôs-se e deu por terminado o exorcismo. Alguns dias depois o Pe. Pio mandou-lhe dizer: «Não desperdice o seu tempo e as suas forças com esse rapaz. É trabalho perdido.» Graças à sua intuição que vinha do alto, o Pe. Pio compreendeu que não se poderia conseguir nada neste caso. E os factos confirmaram as suas palavras.

Gostaria de chamar a atenção para o seguinte: *a possessão diabólica não é um mal contagioso, nem para a família, nem para os que assistem, nem para os lugares onde os exorcismos são praticados.* É importante sublinhar isto porque nós, os exorcistas, deparamo-nos muitas vezes com dificuldades quando precisamos de encontrar locais onde posamos administrar este sacramental. E grande número de recusas derivam precisamente deste medo de que o local fique «infestado». É necessário que os padres saibam que a presença dos possessos e os exorcismos realizados sobre uma pessoa não deixam a menor consequência nos locais

nem nas pessoas que os habitam. Pelo contrário, é o pecado que devemos rezear. Um pecador endurecido, um blasfemador pode destruir a sua família, o ambiente de trabalho e os locais que frequenta.

Vou agora relatar vários casos que não figuram entre os acontecimentos mais espectaculares que sucederam comigo, mas entre os típicos mais comuns.

Uma adolescente de 16 anos, Ana Maria, estava inquieta porque já há algum tempo que estava a falhar nos seus estudos, quando antes nunca tinha encontrado nenhuma dificuldade. Além disso, em casa ouvia barulhos estranhos. Veio procurar-me acompanhada dos pais e da irmã. Dei-lhe a bênção e notei um pequeno sinal de negatividade. Dei a bênção à mãe, que sofria de certos problemas. Enquanto eu colocava as mãos na sua cabeça, ela emitiu um grande urro e deslizou da cadeira onde estava sentada para o chão. Mande-i sair as duas irmãs e continuei o exorcismo, ficando o pai a assistir; notei uma negatividade ainda maior nela do que na filha. Para a Ana Maria foram suficientes três bênçãos; era um caso ligeiro e foi imediatamente resolvido. Quanto à mãe, durou vários meses, ao ritmo de uma bênção por semana, e ficou completamente curada e bem mais depressa do que deixavam prever as reacções manifestadas durante a primeira bênção.

Joana, uma senhora com cerca de 30 anos, mãe de três filhos, foi-me enviada pelo seu confessor. Sofria de dores de cabeça, de estômago e de desmaios. Segundo os médicos ela estava de perfeita saúde. O mal foi-se embora a pouco e pouco. Era devido à presença de três demónios, cada um tendo penetrado nela respectivamente após três malefícios feitos em três etapas diferentes da sua existência. O malefício mais forte tinha-lhe sido feito por uma jovem que, antes do casamento da Joana, desejava profundamente casar com o noivo dela. Joana fazia parte de uma família de intensa oração, o que facilitou os exorcismos. Dois demónios saí-

ram rapidamente, no entanto, o terceiro resistiu mais. Foram precisos quase três anos de bênçãos ao ritmo de uma por semana.

Recebi um dia a visita de Marcela, uma jovem muito loura de 19 anos, com um ar descarado. Sofria de dores lancinantes no estômago e tinha um comportamento que não conseguia dominar nem em casa, nem no trabalho: dava respostas ofensivas, ásperas, sem se conseguir segurar. Para os médicos ela não tinha nada. Quando lhe pus as mãos sobre as pálpebras, no início da bênção, ficou com os olhos totalmente revirados, com as pupilas apenas visíveis viradas para baixo, e deu uma gargalhada irônica. Só tive tempo de pensar que se tratava de Satanás, quando ouvi dizer: «Sou Satanás!» voltando a dar uma gargalhada. Marcela intensificou progressivamente a sua vida de oração, comungou com constância, rezou diariamente o terço e confessou-se todas as semanas (a confissão é muito mais forte que um exorcismo!). O seu estado melhorou progressivamente, exceptuando algumas pequenas recaídas que se verificaram quando diminuía um pouco o seu ritmo de oração. Curou-se ao fim de dois anos.

José, 28 anos, foi visitar-me com a mãe e a irmã. Percebi logo que só tinha vindo para fazer a vontade aos seus familiares. Cheirava a tabaco impregnado. Drogava-se, traficava droga e blasfemava. Inútil falar de oração e de sacramentos! Esforcei-me por levá-lo a aceitar a minha bênção de boa vontade. Mas, passados breves momentos, o demónio manifestou-se imediatamente com violência e eu não insisti. Quando eu disse ao José o que é que ele tinha, respondeu-me: «Já sabia e estou contente assim; sinto-me bem com o demónio.»

Não o voltei a ver.

Quando a irmã Ângela me veio visitar, ainda era muito jovem, mas já se encontrava num estado deplorável: já não conseguia quase falar e muito menos rezar. Sofria manifes-

tamente em todo o seu corpo, não havia uma única parte que não demonstrasse sofrimento. As blasfêmias não paravam de lhe acudir à cabeça e ouvia muitas vezes ruídos estranhos que as outras religiosas também sentiam. A maldição (e por certo a bruxaria) dum padre indigno estava na origem de todos estes problemas. A irmã Ângela oferecia cada um dos seus sofrimentos pela sua congregação. Depois de inúmeras bênçãos, que lhe trouxeram um certo alívio, foi transferida para uma outra cidade. Espero que ela tenha encontrado um outro exorcista para prosseguir esta obra de libertação.

Entre os casos horríveis de malefícios feitos a uma família inteira, vou relatar um. O pai, comerciante até então, cheio de êxito, deixou subitamente de receber encomendas por razões inexplicáveis. Os armazéns estavam cheios de mercadorias, mas os clientes tinham desaparecido. Uma vez conseguiu despachar um certo número dos seus produtos mas o camião encarregado de retirar a mercadoria do armazém sofreu várias avarias sem conseguir chegar ao destino, o que ocasionou que o contrato fosse anulado. Outra ocasião, depois de ter tido imensa dificuldade em concluir uma venda, o camião chegou mas ninguém foi capaz de abrir o portão de ferro do armazém. Este negócio também se esfumou. Na mesma altura, uma das suas filhas, casada, foi abandonada pelo marido; o noivo da outra filha, nas vésperas do casamento, quando os preparativos de casa estavam terminados, deixou-a sem dar qualquer explicação. Já para não falar dos problemas de saúde e dos barulhos que se ouviam na casa, como acontece quase sempre em casos semelhantes. Parecia não se saber por onde começar. Além das recomendações habituais referentes à oração, à frequência dos sacramentos e a uma vida cristã vivida de forma coerente, comecei também a abençoar todos os membros da família. Em seguida exorcizei e celebrei Missa na casa e nos locais de trabalho do pai. Os efeitos começaram a mani-

festar-se ao fim de um ano, e continuaram gradualmente, embora devagar. Que provas duras para a fé e a perseverança!

Antónia, 20 anos, veio ter comigo acompanhada pelo pai, pasteleiro. Mais ou menos ao mesmo tempo que a jovem tinha assumido o aspecto duma vidente (ouvia vozes estranhas, não conseguia dormir nem trabalhar), o pai começou a sofrer de dores de estômago que tanto os médicos como os medicamentos se mostravam incapazes de acalmar. Quando dei a bênção à filha, vi que se tratava de uma ligeira negatividade; disse-lhe que, em princípio, algumas bênçãos seriam suficientes para a curar. Ao contrário, quando dei a bênção ao pai, este entrou em transe, ficando completamente mudo e sem manifestar a mais pequena agitação. Por outro lado, apercebi-me que ele não tinha dado conta de nada. Recomendei à filha que não dissesse nada ao pai do que se tinha passado para não o assustar, mas que voltassem os dois. Ao voltar a casa, ela não foi capaz de se calar e contou tudo; o pai, apavorado com a ideia de ter entrado em transe, foi procurar... um bruxo. Sei pela pessoa que os mandou vir ter comigo que os dois estão mal mas nunca mais me procuraram. Não são os únicos a agir desta forma. Soube de outras pessoas que, desencorajadas pela lentidão da cura, se voltaram para bruxos, mas com péssimas consequências. Deus criou-nos livres. Somos igualmente livres de nos destruirmos.

Concluindo este capítulo, tenho que precisar um facto: cada exorcista tem a sua experiência que, por vezes, é irrepetível, e pode acontecer que não tenham tido conhecimento do que tivesse acontecido a outros exorcistas. Não me custa a crer que alguns exorcistas tenham ficado admirados sobretudo com o que expus na primeira parte: acerca da posição dos olhos, das dores de cabeça ou de estômago; poderia ter reportado outros factos que me acontecem constantemente. São reacções para as quais sempre, ou quase sempre, o Pe. Cândido me alertou e que continuam a repetir-se com

os seus alunos. São verdadeiras, mesmo que não tenham sido experimentadas por outros exorcistas.

Penso que se deve ter em respeitosa conta, os diversos métodos e as diversas experiências. Não fica diminuída a verdade de um facto, ou de um tipo de reacção, ou a eficácia de um método, ainda que se trate de uma particularidade legada a um determinado exorcista e não verificada por outros.